

# REVISTA apan

## NESTA EDIÇÃO

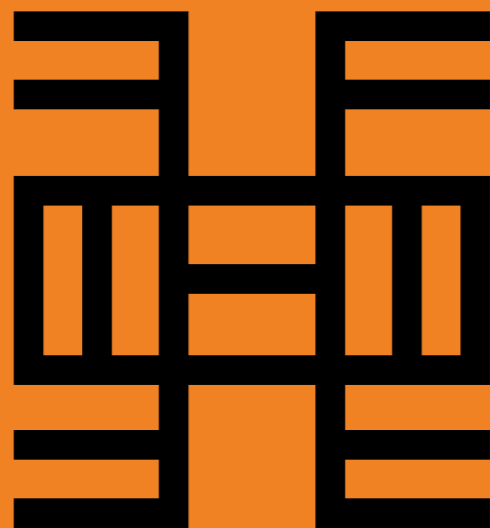
**Apan Formações**

**Todes Play** : *Uma Revolução nas  
Plataformas de Streaming*

**Manifesto Revista APAN**

**Como participar da Revista +**

# **A REVISTA APAN É UM ESPAÇO DE PROTAGONISMO NEGRO!**



Uma revista brasileira especializada em audiovisual negro, cujo objetivo fundamental consiste na visibilidade dos nossos trabalhos, nossas ideias, nossas vozes.

Uma revista elaborada para receber nossas manifestações artísticas: poesias, ensaios, crônicas, ilustrações, textos livres e acadêmicos, informação, promoção e divulgação dos profissionais, artistas e intelectuais do audiovisual negro. Um espaço para distribuir nossas narrativas, nossas existências e valorizar e fortalecer nossa diáspora negra contra o racismo.

# ÍNDICE

- 06..... **MANIFESTO**
- 10..... **APRESENTAÇÃO** • Fala negra da!
- 14..... **GALERIA** • Ensaio Ana Paula Alves Ribeiro e Estêvão Ribeiro
- 26..... **LIVRE** • Visitando os griôs do amanhã - afrofuturismo pt.1
- 35..... **ENSAIO** • Con(s)ciência, ou 20/11/20
- 40..... **RESENHA** • Reflexões sobre Morte em Veneza de Thomas Mann a luz do conceito decadência ideológica da burguesia
- 45..... **RELATO PRETO** • Arte para não sufocar de realidade
- 50..... **ENTREVISTA** • Zanza Gomes - APAN Formações
- 62..... **ENTREVISTA** • Plataforma Raio: uma curadoria que pensa talentos e diversidade
- 74..... **ENTREVISTA** • Todesplay: uma revolução nas plataformas de streaming
- 84..... **CARTA** • Conheça a Carta do Audiovisual Negro às Candidaturas Antirracistas
- 86..... **CHAMADA PARA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES**  
Publique com a gente!

# MANIFESTO

## ROMPENDO LIMITES, OCUPANDO OS ESPAÇOS

A história do audiovisual negro no Brasil é a história da luta contra a invisibilidade, exclusão, humilhação e descaso. É a luta em prol de dignidade, espaço e respeito. É a busca pela garantia equânime de acesso e permanência na formação pedagógica (escolar e profissional) e no mercado de trabalho. De tantos não, caras feias, desprezo e desconhecimento, o audiovisual negro resiste, persiste, rompe limites e ocupa espaços.

Neste momento, damos início a mais uma luta, que agora vai se dar também por meio das letras e imagens. Lançamos para a sociedade brasileira uma revista brasileira especializada em audiovisual negro, a Revista APAN, cujo objetivo fundamental consiste na visibilidade dos nossos trabalhos, nossas ideias, nossas vozes. A Revista APAN veio pra ficar, tal qual o nome: Associação de Profissionais do Audiovisual Negro, que carrega a eminência quilombolesca dos nossos antepassados. Traz as raízes da luta, união, força e sobrevivência numa sociedade que persiste mantendo um racismo institucional e estrutural como aliados à manutenção do status quo. Hoje, com mais de 900 associadas, somos o maior quilombo do audiovisual, quiçá da América Latina. É impossível retroceder! A APAN avança e, quanto maior o avanço, maior o constrangimento revelado pela sociedade que naturaliza e se silencia ante às práticas, pensamentos e contextos que ratificam a discrimi-



nação e a exclusão da população negra brasileira. A mudança precisa ser feita por todas, todos e todes que repudiam hábitos e tradições que remetem ao nosso passado escravocrata-colonial.

Sim, ainda há muito a fazer: somos 56,7% da população brasileira, 17% das pessoas mais ricas e ocupamos 4,7% das funções executivas nas grandes empresas no Brasil. No entanto, ocupamos os altos postos da violência e exclusão: somos 79% das vítimas causadas por ações policiais, 66,6% do total de vítimas de feminicídio, 60% que morrem durante o parto, temos 2,7 mais chances de morrer vítimas de homicídio no Brasil. O que falta para mudar? Não temos uma resposta única porque não depende exclusivamente de nós, mas temos a ideia e sensibilidade capazes de gerar mudanças expressivas na sociedade brasileira.

Provamos isso ao mostrar o quanto as políticas de cotas ajudam a reduzir o racismo institucional, o quanto a Lei do ensi-

## MANIFESTO

no da história da África e africanidade (Lei 10.639/03) vem garantindo a autoestima e identidade de estudantes negros e negras nas escolas. Indo além, o importante manifesto Dogma Feijoada fura o bloqueio para ter igualdade de representação de corpos pretos no cinema e na TV. E o que dizer dos nossos mais velhos, que inauguram o escopo filosófico da teoria social antirracista contemporânea, de Lélia Gonzalez, passando por Virgínia Bicudo, Carolina Maria de Jesus, Maria Odília Teixeira, Clovis Moura, Ivanir dos Santos, Abdias do Nascimento, Beatriz Nascimento, Kabengele Munanga, Sérgio Almeida, Conceição Evaristo e tantas e tantos outros? Nomes que reinventaram as páginas da história brasileira com muito suor, estudo, debate, escuta e escrita.

Por todes que criaram a nossa história no Brasil por meio das letras que os saudamos; por todes que lutam no dia a dia em busca da sobrevivência que os referenciamos; por todes que sofrem pelas perdas, pelas humilhações sofridas pelos racismos estrutural e institucional que nos solidarizamos e combatemos; pelos trabalhadores do audiovisual, negras, negros e negres, apanienses ou não, nosso apoio no elo imagético que nos une. Somos audiovisual, somos negres e jamais desistiremos! Por isso, lançamos mais um impulso nesta luta: a Revista APAN.

Vimos lutando bravamente contra a invisibilidade do cinema negro diante ao mercado cinematográfico nacional. Há anos cineastas negras, negros e negres realizam seus filmes com baixo ou nenhum aporte financeiro governamental; ainda mais raro é conseguir apoio dos investidores – que apenas se comprometem com o lucro fácil e com a “velha panelinha” já estabelecida no cenário audiovisual. Ainda que nós, realizadores negres independentes, consigamos finalizar nossos filmes, sofremos barreiras monumentais para a distribuição e exibição dos mesmos.

É por esse motivo que criamos, para o ambiente virtual, a Revista APAN, da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro, mais um instrumento que legitima e viabiliza ecos em campos áridos. A APAN nasce também neste terreno em prol da unidade dos trabalhadores do audiovisual negro no Brasil para ser uma organização que, de forma conjunta, defenda o nosso direito de fazer cinema, que, assustadoramente, não é garantido. A Associação também tem como base o fomento, valorização e divulgação de obras protagonizadas por artistas negras, e negros e negres. Nesse sentido, também se incorpora à luta em prol da democratização de oportunidades no mercado audiovisual, através das participações em audiências públicas, parcerias com instituições de ensino no cinema, bem como a publicização de ofertas de trabalho.

Em função deste breve histórico, a APAN, que vem expandindo suas frentes de luta, ganha mais uma: a publicação da Revista APAN, revista eletrônica dividida em sete seções: escrita livre, artigos acadêmicos, ensaios, relatos de experiências, entrevistas, resenha crítica, galeria, atendendo, dessa forma, uma demanda em prol da socialização das nossas vozes e experiências no mercado audiovisual, bem como a divulgação de pesquisas e resenhas dos filmes nacionais e internacionais compostos por realizadores negras, negros e negres.

Uma nova página, uma nova frente que visibiliza o nosso cinema, o nosso espaço e as nossas narrativas estão surgindo.

Sigamos na luta em prol da democratização e da igualdade racial e de gênero do nosso cinema nacional! Viva o audiovisual negro!

**VIVA A REVISTA APAN!**



# APRESENTAÇÃO

Essa revista de estreia é uma celebração à APAN (Associação de Profissionais do Audiovisual Negro) e a tudo o que ela representa: luta, felicidade, aquilombamento colocados em prática. Ao associar-se, a pessoa está escolhendo crescer coletivamente e temos diversas formas para que isso ocorra. Como membro da APAN, você pode ministrar cursos e conseguir acessos a cursos pela APAN Ead e o GT de Formação; pode ter espaço pro seu filme preto na TodesPlay e, claro, informar-se sobre o mercado audiovisual e estar em contato com outras pessoas negras, seja no dia-a-dia quanto em rede profissional na Raio. E, para que tudo isso se dê, temos os Grupos de Trabalho (GTs) que estão esperando por você para que nossa associação fique cada vez mais forte. Para que nós estejamos cada vez mais próximos. Para que o mercado audiovisual nunca mais possa alegar que “faltam negros na área”.

Nesta edição, nós vamos falar sobre a história da nossa Associação e como ela se organiza hoje, e também vamos apresentar em algumas seções: o texto do Eric Paiva sobre como a visibilidade representativa e autoral moldam o Afrofuturismo; a resenha de Rachel Aguiar, uma análise da obra *Morte em Veneza* e a decadência ideológica da burguesia com pinceladas da teoria contemporânea antirracista; o ensaio do nosso Clementino Junior; Belise Mofeoli, que parte de sua experiência no mercado



audiovisual para refletir a importância negra na criação e em rede, além de trazer Anda Paula Alves Ribeiro e Estêvão Ribeiro para mostrarem suas artes, nossos primeiros artistas convidados. Zanza Gomes, a coordenadora da APAN Formações é a entrevistada de Ander Simões.

A Revista APAN chega agora para ser nosso espaço seguro onde podemos discutir com os nossos (e também com aliados reais), externar anseios e, como reforçaremos, por aqui estamos e para sempre ficaremos. Așè!

## PARA NÃO DEIXAR EM BRANCO...

Da edição piloto para a “número 1”, a Revista APAN tem a mesma iniciativa, traz alguns conteúdos em comum, mas com o tempo de maturação e uma cara nova. O bebê que firma os pés e ensaia os primeiros passos, fixa a visão e já olha de maneira livre e crítica o mundo. O produto criado no piloto começa a dialogar com seus autores e público e indicar o que quer e como quer ser lido. Como diria Chimamanda Ngozi Adichie “escolher escrever é rejeitar o silêncio”. E é muito bom quando o que escrevemos dialoga com todos. O primeiro é só o começo.

## Conselho Editorial da Revista APAN

*\*Adinkra BOA ME NA ME MMOA WO. Ajude-me e deixe-me ajudá-lo.*

## CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA APAN



### ANDER

Diretor, produtor, ator e roteirista no mercado há mais de 20 anos, atua na criação e desenvolvimento de projetos audiovisuais, seu curta mais recente, A Travessia – Um Poema Para Sidarta, foi selecionado em festivais no Brasil e no exterior, referenciado no Short Film Market Catalog 2022 do Festival Clermont-Ferrand e licenciado pela O2 Play. Atualmente trabalha na idealização, roteiro, produção e direção de projetos audiovisuais através da de sua produtora homônima, está em processo de lançamento do curta “ANDER”, escreve textos para a web e faz parte da equipe de produção executiva da Conspiração Filmes.



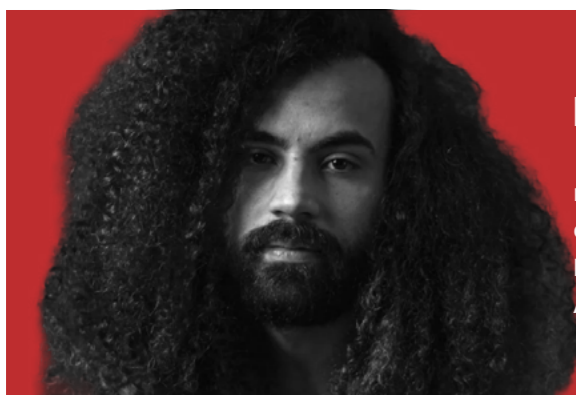
### BELISE MOFEOLI

Escreve ficção e não-ficção para audiovisual, dramaturgia teatral, literatura, podcasts e novos formatos. Já roteirizou para Paramount+, Netflix, SescTV, A&E, Prime Video e Turner. Na ABRA, está coordenadora do Comitê de Equidade e Representatividade Racial e participa do Comitê LGBTQIA+. Membro da Rede Paradiso de Talentos. Vencedora do Prêmio Paradiso no Ventana Sur. Criadora da Jornada da Representatividade e do Teste Mofeoli.



### CLEMENTINO JUNIOR

Clementino Junior é Cineasta, Educador Audiovisual e Ambiental, Pesquisador e Doutor em Educação do GEASur/Unirio, e Fundador do CAN — Cineclube Atlântico Negro.



### DENIS MARTINS

Denis Martins é realizador audiovisual e tem experiências na área de produção e direção de curtas-metragens. Graduando em Cinema e Audiovisual na UESB, atualmente é bolsista e assistente de pesquisa do projeto Observatório do Audiovisual Baiano



### RACHEL AGUIAR

Roteirista, Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do NEPP-DH/UFRJ. Diretora do NEABI/UFRJ. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq: História e Legislação da ANCINE: reflexões pertinentes. Conselheira Titular da Setorial do Audiovisual do Conselho Municipal de Política Cultural de Niterói

### REJANE NEVES

Rejane Neves (Diretora; Roteirista) Mestre em Linguística (UFRJ); Letras (UFRJ). Formada em Direção na Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Diretora, roteirista do curta Dois Pesos (2017) e atual roteirista da série Um dia Qualquer II e pesquisadora cadastrada no CNPq História e Legislação da Ancine: reflexões pertinentes.



### VICTÓRIA COSTA

Amazônida, formada em Cinema e Audiovisual (UFPA) e em Comunicação (UNAMA), é montadora e tem experiências como produtora e diretora de arte em curtas, documentários, videoclipes, vídeos institucionais, videoinstalação e websérie. Atualmente, no doutorado, pesquisa sobre produção audiovisual urbana descentralizada e imaginário no campo da antropologia.



### TAMI MARTINS

Amapaense, diretora e roteirista da animação Solitude, vencedora do prêmio de Melhor Filme do FIM Festival Imagem-Movimento, recebeu o Prêmio Redentor de Melhor Curta no 23º Festival do Rio, o Prix de L'a Musique no Le Chouette Film Festival na França e foi indicada ao Grande Prêmio de Cinema e ao 50º Festival de Cinema de Gramado. Tami também é Ilustradora e designer do livro Inventário Vermelho e produtora executiva na série Amazônia Panc.





# GALERIA DA NOSSA GALERA



Com Fotografias de **Ana Paula Alves Ribeiro**  
e Quadrinhos de **Estêvão Ribeiro**

*\*Adinkra NSOROMMA. Criança do Céu, Estrela..*



# QUANDO O COTIDIANO GRITA À ALMA

por **Belise Mofeoli**

Um dos privilégios em ser do Conselho Editorial é poder mostrar outras faces de gente nossa, numa roupagem diferente daquelas que acostumamos saber no mercado audiovisual. A seguir, vocês poderão ver um ensaio fotográfico e, na sequência, algumas tirinhas. São tão completos que nem precisariam deste texto introdutório. Talvez quem precise dele sejamos eu e minha admiração por ambos os artistas.

Os cliques são da professora, pesquisadora e curadora de cinema negro, Ana Paula Alves Ribeiro que, aqui, nos agracia com um ensaio fotográfico delicioso, que pode ser visto em sua completude no [instagram](#), onde constam outros de seus deslumbramentos com o mundo: lambe-lambes, vitrines, as pessoas, o cotidiano... que, embora congelados em fotos, são puro dinamismo naquilo que nos prende e suscita. O dourado e o azul eram símbolos de nobreza, sofisticação e arte para nossos Encantados. Orixás, não enfeitam-se e protegem-se com metais? Quando pensa em realezas africanas antigas, a imagem primeira não contém o uso de ouro como adornos, comércio etc? E lembremos do azul, primeira cor a ser utilizada para tingir tecidos – ao menos é o que indicam algumas múmias datadas de cerca de 2300 a.C., e diversos outros objetos egípcios – que é uma das provas da tecnologia ancestral e da produção artística que nós, pessoas negras, sempre tivemos e que, por anos, tentaram deslegitimar. Lembremos: o azul da chama é a parte mais quente dela, mesmo que no cinema, azul nos remeta, contrariamente, a ambientes frios, e os quentes fiquem para o que tiver tons mais amarelados, como o ouro deste mesmo ensaio. Quando Ana Paula

encanta-se e clica cenas azuis e douradas, estará ela retratando ou relembrando-reconectando? Afinal, não é isso também que o cinema faz? A gente conserva hoje imagens para que pessoas outras, até de diferentes gerações, possam compartilhar conosco aquelas cenas, aquelas emoções. Se existe quebra e dobra no tempo, é bom que saibamos que o nome dela é arte. A propósito, Ana Paula mandou um combo “pesadão” para gente: fotos, texto e playlist.

Na sequência, uma estranha sensação de “Eita! Já vi esse filme, só que na vida real!” ao ler as tirinhas do roteirista Estêvão Ribeiro, vai te ganhar. Ele é autor (dentre várias outras coisas) de “Passarinhos” e “Rê Tinta” há mais tempo do que escreve para audiovisual e, conhecendo seus trabalhos – que tudo têm a ver sobre o universo daquilo que interessa à Revista APAN –, é possível entender a lógica dos temas que permeiam suas obras. Política, doçura, drama, bom humor, embates éticos, relações de mercado..., é um pouco de cada uma dessas coisas que pretendi ofertar a vocês quando selecionei este pout-pourri do Estêvão. Pra quem quiser maratona pelos quadrinhos dele: <https://www.instagram.com/oestevaoribeiro/>. Confesso que conheci Rê Tinta antes de ficar amiga do Estêvão e ao sacar a deliciosa coincidência, já soube que seríamos amigos. Rê Tinta é uma criança que me emociona, já Hector e Afonso – estes são os nomes “empoladinhos” dos personagens de Os Passarinhos – são adultos e têm crises criativas e mercadológicas. Como sou roteirista, separei algo nessa linha, para rirmos (mas é com respeito, tá?) da dupla.

Divirtam-se e apaixonem-se, assim como eu, pelos trabalhos de Ana Paula Alves Ribeiro e Estêvão Ribeiro. Acompanhem o todo que há por trás dos trechos aqui postos, garimpando mais da arte de ambos. E, não, eles não são parentes. Os sobrenomes são apenas mais uma bela coincidência do destino. De nada, galera! Sei que ficou um arraso!



## ESTÊVÃO RIBEIRO

Estêvão Ribeiro é escritor, ilustrador e roteirista audiovisual. Autor de dezenas de trabalhos, entre quadrinhos, livros infantis e romances. Suas obras totalizam mais de 200 mil exemplares vendidos. No audiovisual, trabalhou em salas de roteiro para Multishow, Netflix, Amazon. Atualmente trabalha em seu projeto infantil para o Globo, em seu filme natalino para Paramount e em um projeto para O2 filmes.

[@estevao.ribeiro](https://www.instagram.com/estevao.ribeiro/)



# RÊ TINTA E OS PASSARINHOS

@oestevaribeiro





## **ANA PAULA ALVES RIBEIRO**

Ana Paula Alves Ribeiro é Antropóloga, Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF - Pedagogia, Departamento de Formação de Professores/UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Culturas e Territorialidade (UFF). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB/UERJ), coordenadora do Programa de Extensão Museu Afrodigital Rio de Janeiro (Decult/UERJ) e do Laboratório de Experimentações Artísticas e Reflexões Criativas sobre Cidades, Saúde e Educação (LEARCC/FEBF/UERJ). Fez parte da equipe do Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul Brasil, África, Caribe e Outras Diásporas em 2015, 2017, 2018, atuando como curadora (com Janaína Oliveira) em 2020 e 2021. Tem experiência nas áreas de Antropologia e Metodologia da Pesquisa e atuação nos seguintes temas: Cinema e Cidade, Cinema Negro, Políticas Públicas, Relações étnico-raciais e Educação e Cultura afro-brasileira.

**[@anapalvesribeiro](#)**

## **PARA ENTENDER O AZUL**

**[@anapalvesribeiro](#)**

‘Para entender o azul’ é uma série de registros fotográficos que iniciei em janeiro de 2019, com divulgação pelo Instagram. Céus e nuvens, portas, tecidos, obras, arquiteturas, água. O que aponta para o azul, registro. Desta série, separei algumas imagens: ‘Para bordar de Azul (e Ouro)’, e sobre as mesmas escrevi:

***Sou uma filha (também) de Oxum.  
Mas persigo, há anos, o azul de lemanjá.  
Nunca entendi muito bem, a não ser pelo fato de que azul,  
esse azul, é a cor que lemanjá carrega.  
lemanjá, a mãe que não é minha, mas ao mesmo tempo é  
nossa.  
É para essa mãe que dedico as fotos (azuis) que tiro.  
Bordando de azul (e ouro), bordando para lemanjá, bordando  
para Oxum.***

**[Confira aqui a playlist](#) que a Ana Paula Alves Ribeiro, carinhosamente, preparou para você ouvir enquanto aprecia o ensaio fotográfico “Para bordar de Azul (e Ouro)”.**

# GALERIA DA NOSSA GALERA

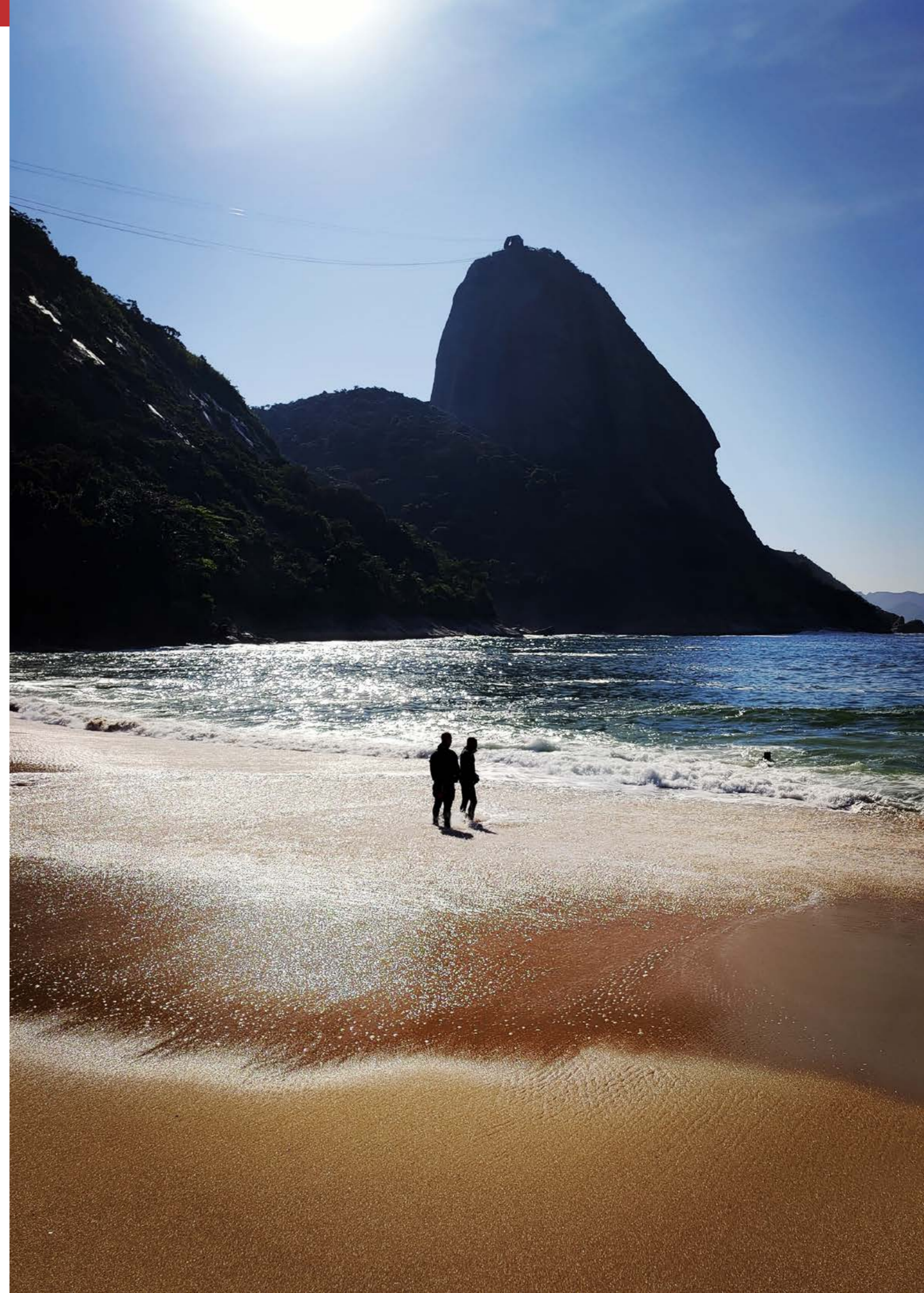
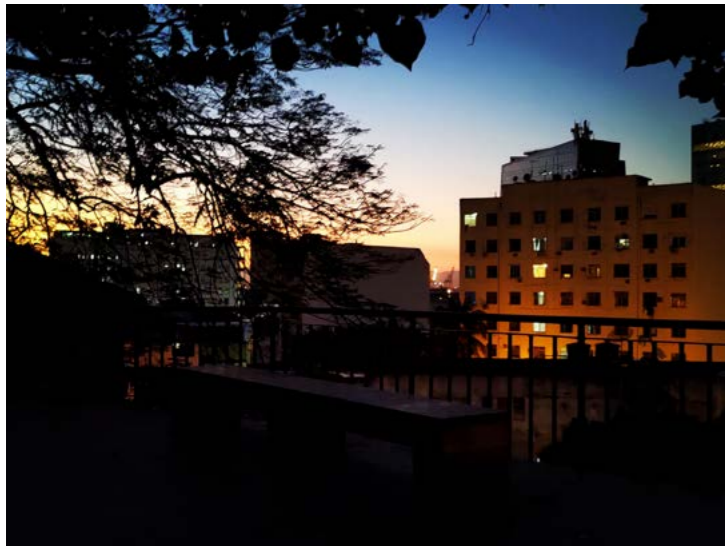




Foto: Eric Paiva - Modelo: Priscila Nascimento

## VISITANDO OS GRIÔS DO AMANHÃ

por Eric Paiva

O termo afrofuturismo foi concebido pelo americano Mark Dery, no ensaio acadêmico “Black to the Future”, presente na antologia *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture*, de 1994, onde o autor, branco, entrevista personalidades afro-americanas como Samuel Ray Delany, um intelectual, crítico literário e autor de ficção científica e de literatura gay; Greg Tate, um escritor, músico e produtor cujo foco de sua escrita é a música e a cultura afro nos EUA; e Tricia Rose, uma socióloga e autora que foi pioneira em bolsas de estudos sobre hip hop. É importante deixarmos claro que Dery não criou o afrofuturismo, apenas denominou a partir de

um questionamento que surge ao, na época, haver poucos autores negros de ficção especulativa. Dery coloca:

**“PODE UMA COMUNIDADE CUJO PASSADO FOI DELIBERADAMENTE APAGADO, E CUJAS ENERGIAS FORAM SUBSEQUENTEMENTE CONSUMIDAS PELA BUSCA DE TRAÇOS LEGÍVEIS DE SUA HISTÓRIA, IMAGINAR FUTUROS POSSÍVEIS?”**

*Mark Dery (Flame Wars: The Discourse of Cyberculture, pág. 180)*

Dery, além de acadêmico é um crítico cultural, e a denominação de um termo para a percepção e entendimento da existência de um movimento é algo extremamente comum. O termo film noir, que remete a obras policiais americanas com uma fotografia e clima bem característicos ganhou, na década de 1940, sua nomenclatura pelo crítico francês Nino Frank. Já o termo Nouvelle Vague, que retrata um movimento cinematográfico que começou na década de 1950, foi criado por um grupo de críticos cinematográficos da revista *Cahiers du Cinéma*. Em suma, é comum alguém que não faça diretamente parte de uma expressão cultural cunhar um nome para ela, já que é parte do seu trabalho acadêmico ou jornalístico. Se perguntarmos quem é Mark Dery na fila do pão do afrofuturismo, entendemos que ele é o marketer que colocou o nome na “embalagem”, mas para além da nomenclatura é o conteúdo que nos importa. A percepção de Dery e seus entrevistados sobre esse movimento sociocultural, artístico e filosófico trouxe importantes caminhos para a construção de uma via identitária na ficção especulativa.



O afrofuturismo ganhou notoriedade nos últimos anos e, apesar de não ser algo novo, o entendimento do conceito gera bastante discórdância e até conflitos conceituais entre entusiastas, estudiosos e artistas que empregam o afrofuturismo em suas obras. Nada está gravado no cerne de uma verdade imutável, pois o conceito é fruto de uma transformação cíclica. Há algum relativismo na construção do afrofuturismo? Sim. O caminho percorrido até chegarmos em algo cuja estrutura ainda está em construção precisa de constante visitação. E é importante estarmos atentos aos recortes históricos que estabelecem avanços significativos desse princípio. Uma boa estrutura necessita de uma base sólida.

Neste texto pensaremos esse movimento focando mais em sua vertente audiovisual, já que como uma expressão cultural e filosófica o afrofuturismo está em diversos campos da arte, como um grande guarda-chuva cultural. Creio que podemos separar esse conceito amplo em quatro aspectos importantes: autoria representativa, temporalidade, afrocentrismo e estética. Onde cada tópico gera uma gama de outros desdobramentos.

**“SE QUER SABER O FINAL,  
PRESTE ATENÇÃO NO COMEÇO.”**

*– PROVÉRPIO AFRICANO –*

Em 1993, um ano antes da publicação de *Flame Wars*, de Dery, morria o homem que um dia foi Herman Poole Blount, uma das figuras mais importantes do afrofuturismo. Blount era mais conhecido pelo nome que adotou um dia: Le Sony'r Ra ou, apenas, Sun Ra. Um dos artistas que melhor incorporou o afrofuturismo como uma corrente filosófica vi-

vendo-o em sua encarnação terrena e na sua espiritualidade. Sun Ra foi músico performático, compositor, poeta, um equacionador cósmico e um vanguardista que tocava uma espécie de jazz modal cheio de improvisação. Ra se apresentava junto de sua banda The Arkestra, uma orquestra de até trinta músicos onde o “A” da ancestralidade guiava as evocações artísticas do grupo. Sun Ra é tido como um dos pioneiros do movimento afrofuturista, uma confluência de conceitos que ele autodenominava: “equação”. Conseguiu ser emblemático mesmo numa época em que não havia muita abertura no audiovisual para a representatividade negra, ao menos, não como hoje. Porém, é importante falarmos do contexto da época dentro do nosso tópico de autoria representativa, *Space is the Place*, de 1974, surge num momento onde os primeiros autores, roteiristas, produtores e diretores negros começam a ganhar espaço relevante em Hollywood. Claro que havia profissionais na Indústria cinematográfica e fora dela, muito mais fora, é importante frisar isso. Existia alguma visibilidade representativa com alguns atores de peso, mas só no início da década de 1970, que os profissionais e artistas autorais conseguiram algum espaço significativo com o blaxploitation. Há diversas questões relacionadas ao gênero, como seu propósito para os estúdios americanos controlados por brancos, o reforço de estereótipos e até a guetificação das obras produzidas. Blaxploitation cujo nome é um amálgama de black (negro) + exploitation (exploração) = exploração negra, e foi sarcasticamente cunhado por Junius Griffin, um integrante da NAACP (Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor), foi alvo da própria entidade, entre outros grupos militantes, até seu fim. É uma questão polêmica. Entretanto, esse foi um gênero que colocou uma série de talentos nos holofotes, como Pam Grier e Tamara Dobson, e também por trás das câmeras, como Melvin Van Peebles, Gordon Parks e Rudy Ray Moore, além de salvar Hollywood de um grande declínio e, posteriormente abrir

caminho para talentos como Spike Lee. O blaxploitation nos presenteou com obras bem distintas como as sátiras de ficção especulativa como *Blacula* (1972), uma paródia de terror sobre o conde Drácula, e *Blackenstein* (1973), uma paródia científica da criatura Frankenstein. Porém, o contexto dessa época traz um retrato da falta de representatividade no audiovisual americano, *Space is the Place*, uma obra ícone do afrofuturismo, figura em algumas listas como um filme blaxploitation, e foi dirigido e co-roteirizado por profissionais brancos. O que em suma é parte da crítica presente no filme e que aborda, justamente o subaproveitamento de talentos negros. Esse retrato da representatividade não desmerece ou diminui o legado de Sun Ra, mas é importante termos uma visão ampla da luta que permeia o discurso da obra e seu contexto histórico.

**“VOCÊS NÃO EXISTEM NESTA SOCIEDADE. SE EXISTISSEM, SEU POVO NÃO ESTARIA BUSCANDO POR DIREITOS IGUAIS. VOCÊS NÃO SÃO REAIS. SE FOSSEM, VOCÊS TERIAM STATUS ENTRE AS NAÇÕES DO MUNDO. (...) EU NÃO VENHO A VOCÊS COMO UMA REALIDADE. EU VENHO A VOCÊS COMO UM MITO, PORQUE É ISSO QUE OS NEGROS SÃO: MITOS.”**

*Sun Ra, em Space is the Place*

A autoria representativa, que é a essência do afrofuturismo e uma luta constante do negro no audiovisual mundial, é uma demanda que vem desde os primórdios do cinema. Já a visibilidade representativa que traz os negres sendo personalizados nas telas, ainda é algo muito aquém, apesar das conquistas no meio. Essa demanda de duas vias de representatividade vem de antes do blaxploitation ou de Sun Ra. Nos



primórdios do cinema, mais especificamente em 1912, no apartheid americano, emergia com *The Railroad Porter*, uma resposta aos filmes que estereotipavam negros ou simplesmente os ignoravam. Um filme feito por um autor negro, William D. Foster, e com atores negros. Esse marco do cinema nasce junto com uma empreitada de resistência e estabelecimento de uma memória negra no audiovisual, pois diversos estúdios geridos por empreendedores e produtores negros surgem, a margem, de uma Hollywood(land) branca que se consolidava. Com o lançamento do filme *O Nascimento de uma Nação* em 1915, de D. W. Griffith, resistir, ter representatividade e contar nossas próprias histórias era uma questão de sobrevivência. E não somente num sentido imagético, já que a representatividade nos resgata da possibilidade de sermos simples fantasias narrativas, ou mitos (como diria Sun Ra), para sermos um reflexo de nossa existência. Oscar Micheaux, um autor ícone desse período turbulento, entendia bem esse conceito, seu nome é um dos que mais se destaca numa trajetória de perseverança e uma filosofia de estabelecimento do negro na Indústria cinematográfica. Micheaux conseguiu que o cinema negro, os *race films*, perdurassem, mesmo à margem dessa indústria, por décadas. E nos presenteou com o que é considerado a primeira ficção científica negra: *Son of Ingagi* de 1940, dirigido por Richard C. Kahn. A era dos *race films* acabou por volta de 1950, tendo dezenas de obras, sendo esse o mesmo período em que os primeiros filmes africanos surgem.

Já no Brasil, a visibilidade representativa sempre foi uma questão, também, de muita luta. Não haver, por exemplo, tantas obras dignas do talento de Ruth de Souza ou *Grande Otelo* é algo quase criminoso. Além das inúmeras representações estereotipadas de negres no período escravocrata, nas mansões e lares da classe média ou nas favelas. Já

a autoria representativa surge no mesmo momento em que, na gringa, o *blaxploitation* despontava. Em 1970, o primeiro longa-metragem dirigido por um autor negro, *Um é Pouco, Dois é Bom*, de Odilon Lopez, ganhava o mundo. Quatro anos depois surge *Alma no Olho*, de Zózimo Bulbul, evocando, no mesmo ano em que surge *Space is the Place*, os anseios de figuras como Ra e Micheaux. *Alma no Olho* é praticamente um filme proto-afrofuturista representando de forma minimalista a história de um passado feliz para os negros que foram usurpados pela escravidão e pavimentando um aviso crítico para as gerações futuras sobre nossa identidade. A estética do filme é a mais afrofuturista que há: a melanina da nossa pele.

Na década de 1960, entre o fim dos *race films* e o surgimento do *blaxploitation*, exatamente em 1966 nascia o super-herói Pantera Negra, criado por Stan Lee e Jack Kirby, dois autores brancos. Entretanto, o lançamento do filme do personagem em 2018, estrelado pelo ator Chadwick Boseman, o T'Challa ou o Pantera Negra estabeleceu um marco importante na história do cinema mundial. É um filme com visibilidade representativa? Sim, já que mais de 90% do filme é composto por atores negres. É um filme com autoria representativa? Sim. Foi dirigido por Ryan Coogler que co-roteirizou junto de Joe Robert Cole. Vale lembrar que em 2010 foi lançado o desenho *Marvel Knights Animation: Black Panther* com um grande elenco negro, trazendo nomes de peso como Djimon Hounsou e Jill Scott, mas com pouca representatividade autoral. Uma olhada rápida no IMDb achamos poucos nomes negres na produção da animação, destacando Reginald Hudlin no roteiro e Sidney Clifton na produção executiva. Mas esses dois elos da representatividade estão em outras obras que antecedem em muito o Pantera Negra, então, qual é o marco que o filme estabeleceu? Bom, Pantera Negra é o primeiro super-herói de

## VISITANDO OS GRIÔS DO AMANHÃ

ascendência africana criado por uma editora mainstream de quadrinhos, a Marvel. Ele traz diversos elementos do afrofuturismo e se tornou um grande representante desse movimento. Ele serviu e serve de modelo para diversos jovens negres pelo mundo e é uma obra muito elucidativa quando precisamos mostrar o que é o afrofuturismo para alguém. Está longe de ser uma obra perfeita, como raramente uma obra audiovisual o é, mas o filme institui uma espécie de símbolo da autoria representativa SEM RETORNO. Ou seja, antes de 2018 há vários filmes afrofuturistas feitos por autores brancos que pensavam u negre ou representava sua visão embranquecida do universo negre, mas Pantera Negra estabelece um marco do nosso tempo: não há mais espaço para isso. Tentar contar nossa história, usando nossa filosofia é usurpar de nós o protagonismo negre. Não que antes não fosse, mas o contexto histórico atual de luta e conquistas por representatividade não permite mais esse tipo de postura. E Pantera Negra é o agente simbólico desse recado. Tudo fruto de trajetórias históricas da luta de notórios como Oscar Micheaux, Sun Ra, Zózimo Bulbul, Ruth de Souza, Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez e muitos outros, que lutaram para além do recorte audiovisual. A visibilidade e autoria representativa são aspectos ligados ao agente de produção de narrativas próprias, mas o afrofuturismo também precisa de seu viés filosófico e conceitual... precisa da complexidade do temporal ligada a nossa própria história, da identidade visual que nos represente e de uma voz afrocêntrica que reverbere nossas narrativas. Todos esses temas discutiremos nas demais partes desse recorte conceitual sobre nosso afrofuturo.

### NOS VEMOS ONTEM, ATÉ LÁ!



## CON(S)CIÊNCIA, OU 20/11/20

por Clementino Junior

**COMO? EM PERSPECTIVA OU REALIDADE SOMOS  
CONSCIENTES DA MORTALIDADE  
COMO ÚNICO ANIMAL, O ÚNICO ANIMAL  
SOMOS O ÚNICO ANIMAL, CONSCIENTE DA MORTALIDADE  
COMO É QUE EU VIVO COM A MORTE  
ESSA QUE ACENTUA O NOSSO PRIVILÉGIO  
COMO É QUE EU VIVO COM ESSA SORTE  
E VOU APROVEITANDO O MEU SORTILÉGIO  
E QUANTO À MORTE DO PLANETA  
COMO É QUE SE VIVE COM UMA ARMA NA CABEÇA?**

*(Vivendo com a morte — Emicida — Língua Franca — 2017)*

A invenção por vezes vinha da observação. O ócio foi o ponto de partida para muitas experiências vistas como científicas. Viver o am-

biente em sua plenitude, encontrar soluções e inspirações com um virar de pescoço, com a percepção do ruído no silêncio, perceber a virada do tempo no arrepio ou não da pele.

Para recorrer à relação do homem (enquanto ilustração de humano, não de gênero) como parte da natureza, a partir de imagens e imaginários, me remeto à **performance fundante do cinema negro, “Alma no Olho”, do cineasta pioneiro Zózimo Bulbul**, em especial na sequência em que representa a vida de um africano antes do sequestro de sua terra natal. **As vestimentas e elementos repressivos o alge-mam** da mesma maneira que as roupas e estereótipos imputados ao seu corpo, outrora desnudo, e cujos adereços significavam mais seu **perten-cimento ao seu território** do que uma tendência da moda ou **uniforme**.

A chamada **ciência**, que era algo tão presente e natural na vida humana, foi sendo **vestida e presa a outras lógicas, como as algemas e correntes do cativeiro dos escravizados**. Nos cegamos para a aproximação do temporal, para o risco do crime ambiental feito por empresas gananciosas, ou para iminência do assalto ou assassinato em um ambiente inóspito. Nos vemos ansiosos para que a tal ciência, hoje colocada como um **status**, venha a nos restaurar uma vida que não fazia sentido enquanto vida. Nos acostumamos a achar que o pouco sofrimento é motivo de comemoração e que a pouca dor não é alerta de um problema de saúde em desenvolvimento, mas de algo que pode ser empurrado para depois com medicamentos.

Em que momento a fruta do quintal ganhou status de alimento orgânico e **inacessível para os bolsos de maioria de uma população**

que tem espaço para uma horta no quintal? Quando falo de status, penso na mesma dimensão dos orgânicos disputando consumidores como um produto caro ou um totem ideológico para ativistas do bem estar sugerindo outras formas de alimentação não envenenada, com os produtos das grandes distribuidoras produzidos com defensivos agrícolas, outrora chamados — apropriadamente — **agrotóxicos**. O inseticida para matar as pragas e prolongar sua aparente validade.

**Ciência**, como pensada, **nada seria sem a consciência**. Consciência, enquanto palavra, vem do latim *conscire*, **com + saber**, a **sabedoria a partir da percepção**. Todo inventor ou todo cientista, em teoria, seria consciente. Mas seguindo a lógica da palavra, **todos os chamados povos primitivos são os que mantém essa consciência aflorada**. E não é à toa que nos ramos espiritualizados, ligados às tradições de matrizes africana e indígena, atuam em estados de **consciência ampliada**, ou dando real significado ao **inconsciente**, da forma como a psicanálise o vê, como um **iceberg**, gigante e profundo, mas o qual só vemos uma ponta imersa sobre as águas.

A ciência enquanto status já foi usada, por exemplo, para **validar preconceitos que fez com que esse mesmo africano, consciente de si e de seu ambiente, fosse tratado como algo abaixo do humano e, com isso, se justificasse socialmente toda a gama de violências sobre seu corpo, na tentativa inclusive de afastá-lo de seu espírito**. A **Eugenia**, cujo termo significa **“bom nascimento”** ou **“boa geração”**, buscou, a partir de quem se apropriou e sistematizou os conhecimentos científicos ancestrais e o tornou um elemento a **favor do poder**, e não do bem estar, criar pensamentos tão profundos sobre pessoas de pele mais

escura no planeta, **para ressaltar um vício de comportamento presente antes dessas “pesquisas”** que comparavam o crânio de africanos ao de animais, que seus reflexos se fazem presentes até hoje, segregando, adoecendo e matando pessoas pretas a partir do que veio a se chamar racismo. O racismo mata pelo desprezo que a pessoa sente diante de quem se sente acima dela, ou tem poder real sobre ela. **O racismo mata** por deprimir quem vê mortos seus sonhos antes mesmo deles se tornarem possibilidade. **O racismo mata** enquanto o status se referencia na cor da pele e esta cor já foi definida por uma ciência não-consciente como símbolo de violência, indolência, ignorância e desumanidade. **O racismo gera auto-ódio e o auto-ódio isenta o racista.**

**O racismo mata e a desigualdade social, no ir e vir, ainda nos coloca no topo das vítimas do Covid-19.** Mas não querem esperar que o vírus faça o **“serviço sujo”** por eles, os racistas, que comemoram cada enterro como a vitória de uma política de **“higienização”**. Daí, em quadro de isolamento social, os números não param de crescer e nos visibilizar como alvos.

**Dia da Consciência Negra**, vemos um crime realizado na véspera. Mais uma vez por **uma grande rede de supermercados**. Mais uma vez contra uma pessoa negra, morta mais uma vez.

Não interessa se ela compraria muito, compraria pouco, se seria produto orgânico, transgênico, processado, se foi ríspido ao reclamar, se o serviço da atendente (não) foi bom — supermercados têm serviço de segurança para além de produtos de consumo para os consumidores cidadãos. **Segurança** orientada ainda pela mesma lógica de quem

garantiu, pela força, que a eugenia fosse absorvida pela sociedade, por muitos acadêmicos, como uma forma de validar na medicina, no direito e em diversas outras cadeiras o **que o intelectual camaronês Achille Mbembe chama de Necropolítica**. Esse conceito, onde **o estado decide quem pode e deve morrer**, é um conceito científico criado por um africano, a partir da **percepção do que ocorre em seu entorno, e foi para a ciência**. Antes dele, muitos outros africanos e afrodescendentes se apropriaram da **ciência “status” para transformar o mundo no qual, outrora, seus ancestrais se entendiam plenamente como partícipes ativos**. Então não é estranho voltar ao filme de Zózimo, já próximo ao final, e pensar no corpo negro outrora escravizado, de jaleco. Na TV, uma manifestante, diante do supermercado, fala algo tipo: **“esperamos a vacina para o covid-19, mas a do racismo é mais urgente”**. Como diria Jurema Werneck, **“nossos passos vêm de longe”**. Que essa frase, tão ecoada por ativistas pretas e pretos, seja uma pista de que, assim como o saber está lá atrás, **a consciência só se amplifica, se atualiza, mas que ainda precisa atingir a todos para extinguir o auto-ódio e tornar a maioria numérica como referência a ser considerada e seguida.**

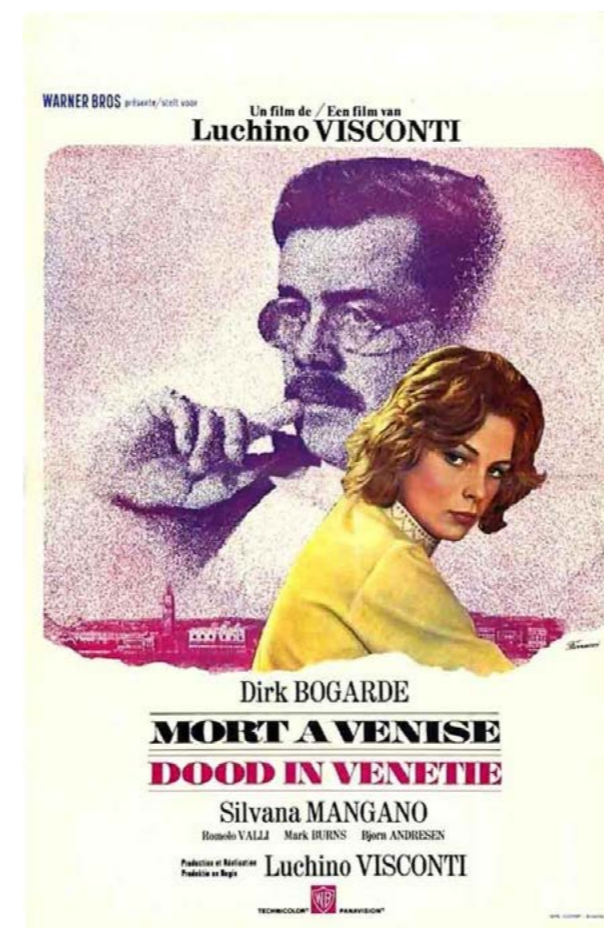


# RESENHA

## REFLEXÕES SOBRE MORTE EM VENEZA DE THOMAS MANN<sup>1</sup> A LUZ DO CONCEITO DECADÊNCIA IDEOLÓGICA<sup>2</sup> DA BURGUESIA.

por Rachel Aguiar

A obra de arte quando adquire a sua matéria de arte se torna indivisível e singular. Essa seria a nossa justificativa para analisarmos a obra Morte em Veneza, pois consideramos as duas obras, a realizada em filme pelo diretor Visconti e a escrita originalmente pelo Thomas Mann como obras indivisíveis e singulares. Por mais que Visconti apreenda toda a narrativa fílmica a partir do livro, sua interpretação transforma o filme em sua obra de arte fílmica. O livro do Mann, muito elogiado pelos frankfurtianos, expressa na obra de arte literária a decadência ideológica da burguesia. Para o filósofo húngaro Georg Lukács o conceito de deca-



Adinkra HWE MU DUA. Madeira de medir.

dência ideológica coloca em questão a subjetividade do escritor, no qual apela para a necessidade de reafirmar a psique capitalista (o que contribui para inviabilizar a autocrítica), aprofundando, com isso, as escritas voltadas para a superficialidade irreal e decadente da burguesia. Em seu livro A Alma e as Formas<sup>3</sup>, Lukács considera que a Literatura do século XIX procurava retratar uma burguesia com a placidez de um tempo narrativo do medievo. A literatura ganha força não pela potência de sua época, pois o pensamento em si da burguesia é decadente demais para ser exaltado, mas sim graças

às retomadas em períodos históricos anteriores, o que reafirma uma ode à modernidade, momento no qual se legitima o genocídio do povo africano e dos povos originários no continente americano (América do Norte, Central e Sul).

Thomas Mann retrata exatamente a falência burguesa muito antes do seu período áureo de crescimento produtivo (1945-1970) em que a exploração e genocídio do povo negro e diaspórico ganham proporções assustadoras. A densidade psicológica que se encontra o protagonista Gustav von Aschenbach (e que não foi colocada no filme) retrata o caótico em que a incompletude é vista como um fracasso moral. A infelicidade de si mesmo não acalenta a alma, nem as belas paisagens de sua cidade natal, Munique. Sua infelicidade o tornava “improdutivo”, já que sua análise sobre seu fervor de escrita da juventude arrefeceu com o passar dos anos. Mann descreve essa passagem de tempo como uma morte lenta, a morte do escritor que pulsava em retratar a barbaridade de sua civilização, em que a juventude da época afeiçoava-se com seus escritos.

Passada a euforia juvenil, encontra-se a morte lenta e em contágio. Veneza, o lugar que se tornou lindo fruto da exploração, invasão, genocídio e escravização feita nos territórios do Oriente e África, parece ser, aparentemente, o lugar de reencontro com a escrita, o que no fundo consistiu no seu leito de morte. Veneza expressa a contradição burguesa – possui beleza, decadência e genocídio. A decadência é vista pela doença (cólera) que coloca a cidade suja e feia, revelando que a doença e o caos designam a própria civilização burguesa. Já a beleza remete às construções milimetricamente levantadas pelos suor e morte dos povos que foram explorados à época das invasões venezianas no século XV. A modernidade edifica o casamento entre belo e genocídio. E neste caso,

o comportamento burguês anti-heroicizado analisado por Mann trata o humano como fim, tanto o fim como finalidade da existência da sociedade do consumo, desperdício e genocídio, como o fim de esgotamento da possibilidade da potencialidade criativa.

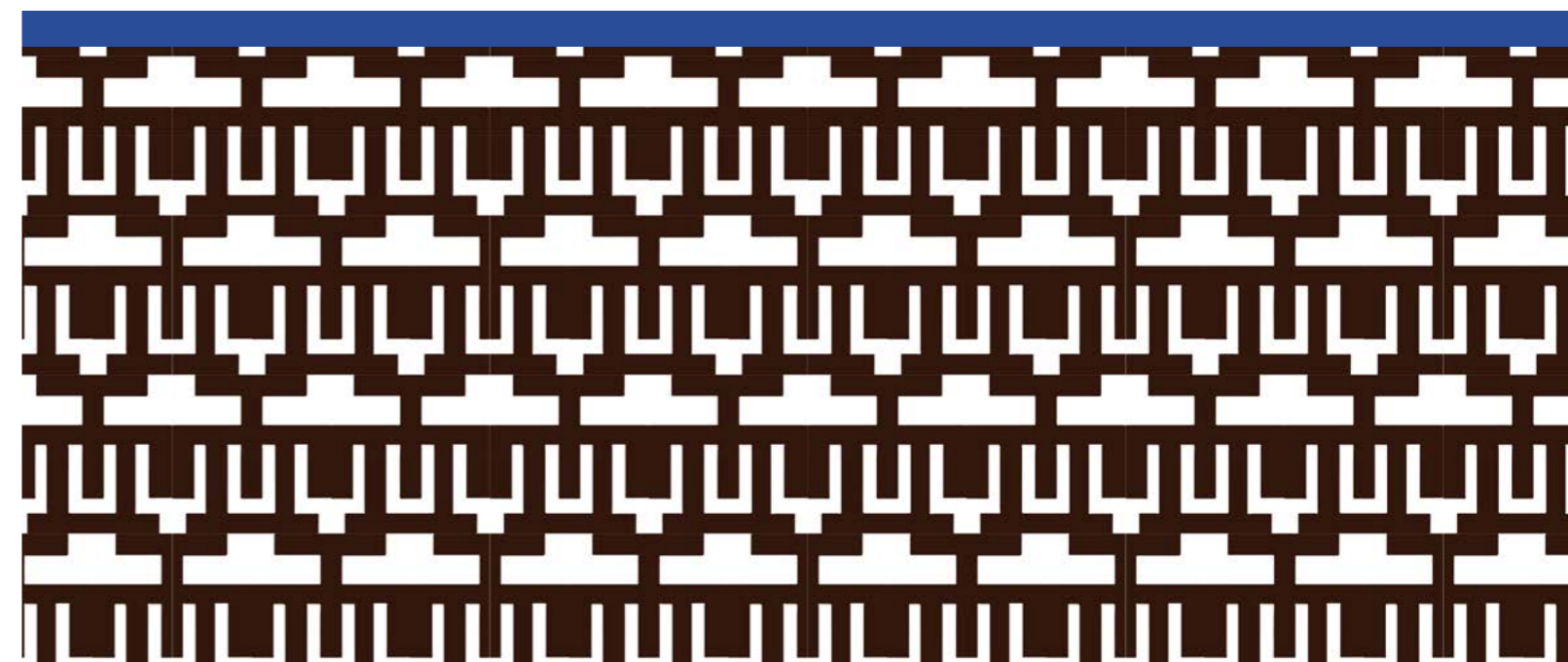
Consideramos pertinente trazer algumas reflexões sobre o conceito de decadência ideológica atualizado pelos escritos advindos da Teoria Contemporânea Antirracista à luz da obra *Morte em Veneza* de Thomas Mann, na qual reforça que tal falência ideológica e civilizatória da burguesia - aparentemente bela, mas doente - é fruto da sua própria edificação.



<sup>1</sup> MANN, T. *Morte em Veneza*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

<sup>2</sup> Extraído do livro LUKÁCS, G. *Marxismo e Teoria da Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

<sup>3</sup> LUKÁCS, G. *A alma e as formas. Ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.





# RELATO PRETO

## ARTE PARA NÃO SUFOCAR DE REALIDADE

por **Belise Mofeoli**



Eu sou escritora. E escrever não é como se fosse algo à parte de mim. Eu sou mulher, sou negra, brasileira, latina, bissexual, caipira, artista... sabe essas coisas que a gente não muda? Ou são ou não são. Diferente de cargos, pesos, estilos de roupas, empregos e estado civil, que podem variar. Na mesma proporção que não existe “meio grávida”. E, se amanhã eu acordasse trilhadrária, ainda assim, levantaria para escrever. Porque eu escrevo para não enlouquecer, para mostrar que existem outras formas de pensar o mundo, para causar pontos de discussão e para deixar bem claro que essa preta aqui não só não será apagada como escreveu por aí em memórias dos ancestrais que sobreviveram para que ela existisse. Sinceramente, não acredito que nem eu e nem você, que me lê, sobrevivemos por acaso.

Tentaram roubar nossas almas, nossas descobertas e nossas culturas, nos escravizaram, queimaram nossos documentos, nos abandonaram idosos em beiras de estradas depois de anos de trabalhos forçados, roubaram de nós o protagonismo histórico na nossa luta pela liberdade e ainda indenizaram nossos algozes, destruíram nossos quilombos, mataram nossos líderes, chamaram nossa fé de lenda e pecado, tentaram apagar nossas memórias, contaram com o fato de que, sem re-

cursos, a gente desapareceria... só que não entenderam nada da gente. Nosso povo ressuscita! E somos cada vez mais fortes quando lembramos que temos o direito inalienável de olharmos para nós mesmos, não como estrangeiros, mas como agentes de nossas narrativas.

Tenho trabalhado muito mais como roteirista, contudo, faço diversos outros formatos (você poderá encontrar mais detalhes lá no nosso Editorial). Inclusive, crio formatos originais para audiovisual. E minha escrita parte muitas vezes incômodo. Eu queria que fosse do lugar confortável, mas não há conforto possível de modo perene para a pessoa negra consciente das questões sociais que, para nós, significam vida ou morte. Eu morro um pouco a cada vez que o preconceito vence. Ainda, ando em bando. E “a minha galera” pode contar comigo para não abaixar a cabeça para apagamentos. Tem negra na criação!

Nossa gente não é boa só em arte e esportes (aliás, nem todo mundo é), temos grandes nomes em todas as áreas. Na Academia e na academia. Olhando para as estrelas e para lâminas de laboratório. Encontrando revoluções tecnológicas no quintal de casa e com grandes financiamentos. Pesquisando o que já foi dito ou criando novas formas de dizer. Escrevendo novas leis ou botando em prática receitas de família. Fazendo arte para a vida parecer menos dura ou para se reconectar com os tempos em que arte já era entendida como algo indissociável do alma. Recalculando e reescrevendo realidades o tempo todo! Eu faço arte para não me afogar na tristeza ante o caos, o desamor, as desigualdades. E, como pra mim é bem difícil o ódio, entrego arte como amor. Escrevo e corro atrás de narrativas pretas que não recorram em clichês, para que a menina Bela que fui, possa ficar menos chocada com a diferença do que sempre ouviu dentro e fora de casa a respeito da importância de ser quem se é. E para que outras crianças tenham o caminho menos árduo até que cresçam e seus trabalhos sejam notados.

É potente rir do opressor, mostrar casais se amando, famílias felizes, imagens de gente nossa em diversas realidades, ainda que encenadas. Ando bem cansada de personagens negros escritos sempre a favor de uma narrativa de terceiros. Sei que você também. Não só negros, mas indígenas, orientais diversos, pessoas com deficiência, idosos, natureza, e tudo mais que não costuma ser respeitado: sempre terão espaço nas minhas narrativas e na minha vida. Mesmo que não o tema central não gire em torno desta característica. Sem alarde. Porque eu posso escrever sobre dor, mas obrigada, não sou. Era só o que me faltava: nascer livre para agora prender-me a padrões alheios! Está tudo bem negar um trabalho que me adoeceria.

É um privilégio viver da escrita! Apesar de todas as crises com Síndrome da Impostora cheias de choro e medo, em prol de uma diversidade que é justa ver normalizada, apesar de todos os cachês baixos que já recebi porque era a única alternativa na época, sabendo que não seria mais necessário agir assim um dia, em prol de abrir caminhos para quem virá depois e torcendo por quem chega agora. Por um mundo em que os que já deram certo também abram portas, porque ninguém aguenta mais ser a “negra guerreira”. Não ter rede de apoio cansa! Seja pra criar uma criança, uma arte ou uma vacina é preciso tempo e experiências diversas para ideias surgirem. É preciso descansar para ter vida própria. Escravidão não é uma opção válida.

## **AQUILOMBAR, HOJE, É TER COMO LUGAR SEGURO O PACTO SOCIAL DE “BORA JUNTOS E, SE EU CAIR, VOCÊ ME AJUDA A LEVANTAR?”**

Ainda bem que para promover situações assim, existem a APAN, a ABRA, a GEDAR, o Sindcine, a WIFT..., os coletivos, os grupos de es-



tudos, as mostras audiovisuais que primam por trazer alternativas que vão além do que corresponde, exclusivamente, a um perfil eurocentrado, masculino, cis, elitista e heterossexual. A Revista APAN, que começou a germinar em 2019, nasceu no contexto cruel da pandemia. Eu a vejo como o abraço que podemos lhe dar no momento. Torço para que cada linha lhe mostre nossas potências e lhe inspire. Inspirou? Respire! Continue respirando! Continue vivo! Não morra! Lembre-se que há profissionais – contamos com você para ser um deles – que acreditam que o audiovisual pode e deve nos colocar como sujeitos e não objetos.

Existem coisas que jamais surgiriam por quem não está na nossa situação de incômodo. E ainda bem que temos aliados também entre quem não é negro pois, assim, não dependemos só de longas batalhas de pessoas negras para criarem meios possíveis de atuação para que, daqui a muitos anos, tenhamos uma indústria competitiva. Meritocracia é balela dos cômodos! Não caia nisso. O mínimo que merecemos é que aliados com recursos – e que entendem que não se trata de um favor, sim de legitimidade – nos deem oportunidades tão boas quanto as de pessoas brancas, com os mesmos cachês, com o mesmo tempo de tela, e que tenham escuta gentil para ouvir o que estamos falando sobre como não aceitaremos mais ser retratados.

Somos a maioria da população brasileira. Falando em linguagem mercadológica: isso é dinheiro pra caramba circulando nas nossas mãos! Sempre ressalto que “o mercado não ficou bonzinho”, ele acordou! A arte e a educação, como resultados de democratização de direitos, são as grandes culpadas. Já entendemos que merecemos oportunidades e sermos representados do jeito certo. Um de nós não é uma coletividade. Não basta um na cena, não basta um no set e, sem dúvidas, não basta um na sala de criação! Ser “token” não me toca! Gosto de produtoras que

me contratam sabendo que comigo virão opiniões, vivências, criatividade e essa paixão pelo que não se mostra. Amo, sobretudo, a delicadeza daquilo que é ordinário! Quero cercar-me de pessoas que me deem oportunidade para escrever para perfis, formatos e gêneros diversos, que não achem que minha negritude é um tema em si.

Não queremos ser seguidos na rua como suspeitos. Queremos ter nossos trabalhos seguidos com respeito. Sigo cientistas, educadores, esportistas, filósofos e artistas que admiro para que, nos momentos em que penso em desistir (são tantos!) eu não me permita. Se meus antepassados sobreviveram para que eu fosse possível, não posso ser o pesadelo ou a vergonha deles. Torcendo para que seja o sonho! Se eu for desistir de algo, que seja daquilo que não faz mais sentido para mim. A arte faz e sempre fará sentido. Como disse desde o começo, não dá para eu não ser escritora. Teatro, literatura, cinema, televisão, música, podcast... minha mente está sempre criando, contudo, **SEMPRE RESSALTAREI: ESCOLHI MINHA PROFISSÃO POR AMOR, PORÉM, TRABALHO POR DINHEIRO.** Uma sala de criação diversa e decolonial é uma oportunidade de todo mundo crescer junto, não um favor. É um direito e um trunfo mercadológico. É revolucionário e proporciona felicidade.

Eu torço por você que me lê. Tanto faz a sua cor. Se for branco e chegou até esse estágio do meu texto sem sentir-se aviltado: podemos formar uma aliança? Se pessoa não-branca: sobrevivemos! Sobrevivamos! Vivamos e criemos. A gente chegou até aqui para marcar que é só o começo. O Brasil nunca foi uma democracia racial, todavia, isso nunca esteve tão escancarado. Estamos longe de ser o país dos sonhos. A boa notícia é que nós, do audiovisual, trabalhamos na indústria de criar sonhos. **Sejamos os arautos uns dos outros quando a realidade se interpuser soberana. E boa Jornada!**

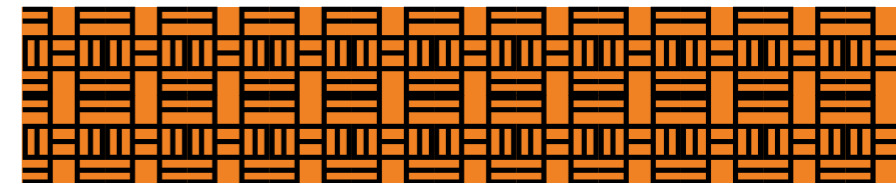


# APAN FORMAÇÕES

ENTREVISTA COM ZANZA GOMES

por ANDER

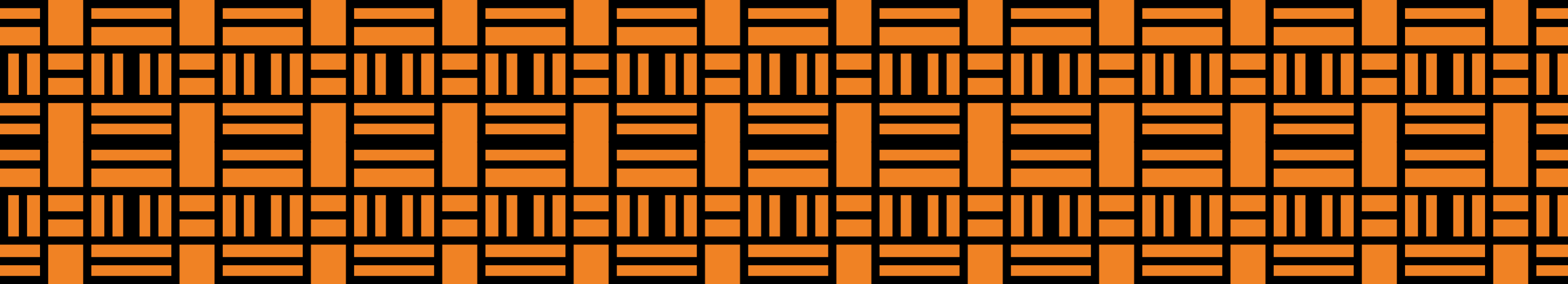
## SOBRE A APAN FORMAÇÕES



A **APAN Formações**, que até 2021 se chamava **APAN EaD**, é uma plataforma de educação a distância dedicada à oferta de cursos, treinamentos e processos formativos necessários para o aprimoramento das habilidades profissionais de passos atuantes no setor audiovisual, e tem como objetivo contribuir com a manutenção de uma rede de profissionais com habilidades atualizadas e em consonância com as práticas e conceitos vigentes no mercado.

A ideia do projeto surgiu de Viviane Ferreira, ex-presidenta da APAN, e teve colaboração de Renato Cândido, ex vice-presidente da Associação e de Joyce Prado, diretora administrativa.

A proposição desta plataforma de ensino a distância se deu logo quando da consolidação da APAN, em 2016, e foi implementada, de fato, em 2021, tendo os cursos dos idiomas inglês e francês como os primeiros a serem ofertados. Como diz Renato Cândido: “entendemos que



o eixo de formação se configura como fundamental, como uma das prerogativas de existência da APAN, onde podemos também compartilhar conhecimentos... fazer a nossa 'quilombagem' de saberes audiovisuais”.

Para falar um pouco sobre a mudança da APAN EaD para APAN Formações, e os objetivos atuais da plataforma, a Revista APAN entrevistou Zanza Gomes, atual coordenadora do projeto. Zanza é graduada em Letras e Biblioteconomia, Mestre em Comunicação pela UFG e doutoranda em Comunicação nesta mesma instituição.



## ENTREVISTA COM ZANZA GOMES

**Ander:** *Zanza, conta um pouco sobre a sua trajetória e como se deu a sua entrada para a coordenação do APAN Formações?*

**Zanza:** Eu sempre trabalhei com coisas relacionadas ao audiovisual, sempre estive envolvida com a área, seja na parte administrativa, na agitação cultural, e também tive a oportunidade de traba-

lhar com a Viviane Ferreira (idealizadora e primeira presidenta da APAN). Desde a minha graduação eu trabalho com ambiente virtual de aprendizagem. Eu sou de Porto Alegre, mas moro em Goiânia, e hoje também sou tutora na UFBA. Eu trabalho com narrativas negras, então eu também queria trabalhar com outras metodologias, metodologias mais participativas em que o computador não fosse o método, tipo método digital, método de ensino virtual... Eu entendia que a gente podia ter métodos que tivessem mais relação com a nossa experiência negra; pensar formas e metodologias de ensino-aprendizagem que sejam orientadas por e para pessoas negras, e quando abriu o processo seletivo na APAN, eu me interessei bastante, pois já acompanhava o trabalho da Associação, e, embora eu não produza conteúdo audiovisual, sou uma fã do audiovisual negro e da produção nacional.

O trabalho na coordenação do APAN Formações é um trabalho que exige bastante autonomia, e é um lugar bastante interessante para eu mostrar minha experiência e as ações que venho realizando desde 2012, depois que eu me formei. Eu sou professora, então meu objetivo é pensar metodologias em que a gente discuta a partir do nosso lugar para que ele esteja mais próximo da nossa trajetória, educacional, inclusive.

**Porque houve a troca de nome de APAN EaD para APAN Formações? De quem partiu essa ideia?**

Foi um direcionamento da diretoria da APAN da gente repensar o nome, e o Rodrigo (presidente) sugeriu da gente pensar alguma coisa com formações, e conversando com Darwin (responsável pela identidade visual da APAN) a gente percebeu como o prefixo EaD é datado, que fazia sentido em um determinado momento, até porque a gente não vive essa educação a distância, a gente tem uma proximidade, e cada vez mais queremos encurtar esses caminhos, e no pós-pandemia a gente percebe esse encurtamento mesmo, né. Afinal, o que seria o EaD? Seria uma plataforma de aprendizagem que tem ferramentas e metodologias que não precisam ser necessariamente do EaD, do à distância.

Eu posso falar um pouco do que eu vivenciei com essas ferramentas virtuais de aprendizagem. Por exemplo, no EaD existe um fórum onde você posta algo e outra pessoa responde embaixo, e hoje em dia isso não é mais necessário; a gente pode, por exemplo, ligar a câmera do computador ou do celular e fazer uma videochamada, abrir uma roda de conversa mediada pela virtualidade. Nesse sentido, ela não é à distância. Então, conversando com a diretoria e com Darwin, nós pudemos depurar um pouco mais esse conceito do que seria esse EaD e o que a gente quer hoje como APAN Formações. Antigamente, a metodologia do APAN EaD trabalhava com o e-learning, e agora a gente está com uma proposta diferente, e talvez até ousada, que é poder refletir uma metodologia que seja mais voltada para referências negras. A proposta é que a gente trabalhe uma orientação mais a partir das obras de bell hooks, que é uma educação mais

libertadora, transgressora. A nossa proposta é não utilizar métodos virtualizados, mas métodos orientados por uma perspectiva negra e que dialoguem mais com a nossa experiência de vida, e isso influencia o formato de nossas atividades. Por exemplo, nesse nosso primeiro curso do APAN Formações – curso de roteiro, que ocorre no mês de novembro – a proposta é que o primeiro encontro seja de escuta, entender as necessidades que as pessoas têm em relação a roteiro, se elas têm alguma experiência, e, embora nós tenhamos uma ementa, ela não é uma ementa fechada, ela é aberta. O curso será ministrado por Vinícius Silva, que é formado em Cinema e Mestre em Roteiro, e ele tem essa proposta de auxiliar as pessoas a construir roteiros em filmes híbridos, então ele vai trazer essa construção do que é o personagem, qual é o cenário e que tipo de construção essa narrativa precisa ter para a construção do roteiro.

**O curso é voltado apenas para associadas da APAN?**

Sim. Esse é um curso de retomada das ações e é voltado exclusi-



**A NOSSA PROPOSTA É NÃO UTILIZAR MÉTODOS VIRTUALIZADOS, MAS MÉTODOS ORIENTADOS POR UMA PERSPECTIVA NEGRA E QUE DIALOGUEM MAIS COM A NOSSA EXPERIÊNCIA DE VIDA, E ISSO INFLUENCIA O FORMATO DE NOSSAS ATIVIDADES.**



vamente para as pessoas associadas à APAN, sendo divulgado nas redes internas da Associação. Nós vamos também fazer uma live de lançamento aberta para todo o público. O curso terá 6 encontros, sempre às terças-feiras, das 19h às 21h\*.

*\*Nota da Revista APAN: a entrevista com Zanza Gomes foi realizada em outubro de 2022 e o curso ocorreu no mês de novembro.*

**Qual a proposta da APAN Formações para o próximo ano, de 2023?**

A proposta é que ano que vem nós tenhamos atividades master-class, minicursos, cursos de média e longa duração e oficinas. A proposta é ir ampliando. Temos o objetivo de construir uma rede de pessoas que dialoguem na mesma área, fazer um mapeamento.

**E a metodologia usada nos cursos; existe uma metodologia própria e específica que se diferencie da utilizada nos demais cursos virtuais?**

Nós queremos trabalhar com uma metodologia mais interativa e realizar cursos que tenham no máximo duas horas, pois percebemos que quando a gente trabalha com o método onde as pessoas apenas escutam, elas cansam. É uma questão física. Nosso corpo não foi feito para ficar quatro horas apenas escutando, e isso acaba gerando a desistência de muitas pessoas. As pessoas querem compartilhar suas experiências. É muito comum, por exemplo, começarmos um curso com 50 pessoas e terminarmos com 20, e nós temos essa preocupação. A gente quer saber como chegar melhor aos associados da APAN, e pensar também o APAN Formações como um lugar

que não esteja apenas vinculado a ações no ambiente virtual. Temos como objetivo propor ações, em proporção menor, também de forma presencial, e uma das formas de conseguirmos uma comunicação mais efetiva, é a criação de grupos menores. Quando nós iniciamos os trabalhos de reformulação da APAN EAD para APAN Formações, nós aplicamos um formulário de escuta para as pessoas associadas que queriam oferecer ou fazer cursos, e a partir deste formulário de escuta nós fizemos esse levantamento, e o curso de construção de roteiro foi um dos mais pedidos.

**Você falou anteriormente sobre a live de lançamento do curso de roteiro. Como se dará essa live e qual a sua importância para a divulgação do curso e da APAN Formações?**

A proposta da live é a gente poder discutir o quanto que o Movimento Negro é educador. As políticas de ações educativas que a gente tem, e aquilo que a gente conseguiu acessar por meio das políticas públicas, foi uma pressão do Movimento Negro, que foi quem garantiu que nós tivéssemos isso pautado pelos nossos governantes. Precisamos entender que temos uma vanguarda nesse processo de educação e acesso à cultura. Quando tivemos o processo de abolição da escravidão, que a gente sabe que foi por motivos políticos e econômicos, a gente não teve acesso à escolarização, principalmente para quem já tinha passado do período de escolarização. Então, a gente sabe que foram as escolas de samba, os grupos de mulheres negras, os grupos de capoeira, de cultura negra, de candomblé que fizeram esse processo educativo e formativo, esse processo de acessar a escrita e leitura; esse processo de socialização

foi oferecido pelas próprias pessoas negras, não foi o Estado que fez isso por nós. O que o Estado fez veio de forma tardia e por uma pressão das pessoas negras, da militância negra. Então, a proposta é retomar esse lugar. É perceber que nós sempre fizemos essa autogestão da cultura e da educação, e que foi a partir das nossas lutas que a gente teve uma regulamentação desse acesso, pelo Estado. A própria política de ação afirmativa, as cotas raciais, elas vêm a partir de uma pressão de uma militância dentro e fora da universidade para acessar a universidade pública. A gente quer trazer essa memória de que nós fomos agentes de construção de política pública.

***Pela sua fala, eu percebo que existe uma preocupação de que o APAN Formações aborde também nossa história e as nossas raízes. Fazer com que esse processo de escuta e conscientização, também compreenda uma abordagem sobre a nossa trajetória e a nossa luta enquanto movimento negro e a militância para além do audiovisual.***

Sim. A gente precisa entender que não existe arte apolítica, a gente é político, e a gente precisa entender por que estamos “sambando para esse lado”. A Sueli Carneiro tem a frase épica em que ela diz que “entre a esquerda e a direita, eu continuo sendo negra”, e como ela diz na entrevista do Mano Brown (no podcast Mano a Mano), “somos nós, o Movimento Negro, que empurra a esquerda para a esquerda”. Nós somos políticos! Eu não estou querendo dizer que a produção do audiovisual, do roteiro, precisa trabalhar de forma frontal com essa discussão. Mas basta, por exemplo, pegar o “Marte Um” (filme de Gabriel Martins, representante do Brasil para uma vaga no Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 2023), se esse filme não é ex-

tremamente político... Ele não está dizendo “olha, estamos falando de cotas”, ele não precisa dizer isso de maneira frontal para estar dizendo isso, e essa é a grande ferramenta que nós, que trabalhamos com arte e cultura, temos a nosso favor. “Marte Um” discute as diversas questões que são do universo negro. Existem formas de construção narrativa que a gente não precisa estar de maneira frontal trazendo a discussão, mas isso vai aparecer, pois é da nossa trajetória, afinal, nós não estamos vivendo em Nárnia (um mundo fantástico), nós estamos no Brasil do século XXI. Eu tenho uma trajetória de militância negra aqui em casa, minha família é do MNU (Movimento Negro Unificado) e eu tive uma militância mais acadêmica, tive uma juventude militante, mas mesmo assim eu não tinha essa noção tão forte quanto eu comecei a ter quando Lula e Dilma assumiram a presidência. Quando a gente se interessa por política, é um caminho sem volta! É uma trajetória que se constrói, é um entendimento de como a política funciona, e não tem outro lugar pra gente discutir isso que não seja pela educação e pela cultura. O APAN Formações retoma esse compromisso. A gente precisa pautar essa formação. Então, a live de lançamento é para pensar essa trajetória de acesso e pensar quais são os nossos desafios para acessar e manter as políticas públicas e ações afirmativas para esses próximos quatro anos e para os próximos... Não existe outro caminho que não seja pela formação. A gente precisa se formar politicamente, entender quem a gente é, qual a nossa identidade dentro desse Brasil que se diz multicultural, mas que na verdade usa esse discurso para abafar o racismo que existe. Precisamos entender qual o nosso lugar, e que a gente não pode parar de pautar essas discussões, pois não há nada ganho. A gente está em construção disso tudo, e o audiovisual é um prato cheio para que a gente possa fazer essa discussão. É pensar

como a gente produz nossas narrativas negras orientadas a partir daquilo que a gente é.

**Zanza, tem alguma coisa que não foi perguntada mas que você acha importante que seja colocada na entrevista?**

Eu tenho refletido muito, talvez até por causa da minha pesquisa de doutorado, sobre a importância da coletividade e dos valores civilizatórios africanos. A gente vive numa travessia que não se encerra.

A gente está sempre em conflito com esses valores brancos, hétero normativos... Talvez a gente precise olhar quais os valores que a gente quer compartilhar, e eu acho que um dos valores que a APAN Formações vem para compartilhar, é o valor da coletividade. A APAN Formações quer se construir a partir de uma escuta e de uma construção coletiva; pensar como a gente constrói esse debate coletivamente, onde cada pessoa, dentro da sua especialidade e especificidade, possa pau-

tar o que entende como necessário ser discutido nesse momento. Então, um dos valores que a gente vem tentando construir, é essa construção do que a gente vê como coletividade. O que é construção coletiva? É algo importante de nós pensarmos sobre, pois é isso que vai explicar alguns posicionamentos que algumas pessoas têm, como, por exemplo, pensar o porquê de que quando uma pessoa acessa uma política de ação afirmativa, ela, muitas vezes, acaba achando que está tudo resolvido. Talvez isso se dê pelo fato dessa pessoa estar pensando individualmente. Outro exemplo, é quando uma pessoa que vai participar de um espaço de ensino-aprendizagem, achar que deve ficar de forma passiva, apenas recebendo a informação, algo que foi muito comum nas metodologias de educação à distância que vivenciamos durante a pandemia, onde o mestre fala e o aluno apenas recebe, enfim. A gente quer poder questionar também a partir desse valor da coletividade, como a gente tem acessado o processo de aprendizagem. Será que esse é o melhor jeito? Será que essa é a forma mais eficaz? Será que isso contempla as nossas necessidades? Será que isso nos afeta a ponto de a gente se interessar em modificar, transformar ou questionar a nossa realidade? Então, eu acho que esse valor da coletividade, é um valor que transita pela nossa ação enquanto cidadãos.

*Zanza Gomes foi entrevistada por Ander Simões em Outubro de 2022*



**UM DOS VALORES QUE A GENTE VEM TENTANDO CONSTRUIR É ESSA CONSTRUÇÃO DO QUE A GENTE VÊ COMO COLETIVIDADE**



# **RAIO**

**ENTREVISTA COM MICHELY RIBEIRO,  
NAIARA LEITE E JANAÍNA OLIVEIRA**

**por Eric Paiva**



# PLATAFORMA RAIIO

A **RAIO Agency – Rede Audiovisual de Inclusão Orquestrada**, é uma plataforma, de curadoria de talentos e oportunidades que conecta profissionais, projetos e empresas do setor audiovisual, com objetivo de contribuir com a equidade de raça e gênero para consolidação de um mercado audiovisual mais diverso e representativo.

A **Revista Apan** conversou com um time de mulheres por trás do sucesso e importância desta plataforma: **Michely Ribeiro**, Gerente de Recursos Humanos; **Naiara Leite**, Gerente de Políticas de Diversidade, e **Janaína Oliveira**, Analista de Recursos Humanos. Elas falaram do trabalho, em conjunto com a Apan, buscando tornar o mercado audiovisual mais diverso e representativo.

## MICHELY RIBEIRO

*Gerente de Recursos Humanos*



## NAIARA LEITE

*Gerente de Políticas de Diversidade*



## #01- A Raio existe desde quando e o que incentivou a criação da plataforma (envolvidos)?

A RAIO Agency – Rede Audiovisual de Inclusão Orquestrada, é uma plataforma lançada em novembro de 2020, com foco para a curadoria de talentos e oportunidades que conecta profissionais, projetos e empresas do setor audiovisual, com objetivo de contribuir com a equidade de raça e gênero para consolidação de um mercado audiovisual mais diverso e representativo.

É por essa razão que nossa EQUIPE é composta por profissionais interdisciplinares, com múltiplas expertises e comprometida em garantir eficiência no fluxo de recrutamento, seleção e colocação de talentos, atendendo às oportunidades disponíveis no mer-



## JANAÍNA OLIVEIRA

*Analista de Recursos Humanos*

cado audiovisual. A equipe RAI0 Agency tem o compromisso de construir ações capazes de compreender o cenário das empresas, no que diz respeito, às assimetrias raciais e de gênero nos diferentes setores, bem como prepará-las para receber profissionais em sua amplitude das diversidades racial e étnica, dinâmicas de gênero, regionalidades, orientações sexuais e identidades de gênero, e pessoas com deficiências.

### **#02- Quem a Raio atende e qual a relação com a Apan e seus associados?**

O trabalho da RAI0 Agency é voltado para o atendimento, por demanda e conforme as necessidades de players, a produtoras e a profissionais do audiovisual brasileiro. Nosso foco é identificar as necessidades de cada agente do setor audiovisual, para construir caminhos que garantam maior diversidade entre profissionais que integram as equipes de empresas e instituições do setor.

Tendo por base nossa incubação na APAN, é importante destacar que há imenso compromisso com as pautas apresentadas pela Associação, e que trabalhamos articuladamente, ainda que atuando de maneira independente para preservar a autonomia de ambas instituições.

### **#03- Como funciona a curadoria para a plataforma?**

Atuamos com a conexão de profissionais diversos e empresas do setor audiovisual e com diagnóstico, com a revisão das políticas institucionais de diversidade nas empresas, criação de novas metodologias para deixar o ambiente das empresas mais Di-Ver-Sos

e favorável para atuação de todes, com formação direcionadas a profissionais e lideranças das empresas para atuar baseado numa perspectiva mais diversa e inclusiva, com elaboração de planos de ação e no desenvolvimento de diretrizes para apoio.

É por essa razão que a curadoria de talentos é realizada em dois âmbitos. Quando voltada para as empresas, contribuimos para o desenho da vaga (caso essa já não tenha), observando a definição de critério de gênero, raça, regionalidades, orientação sexual,



**ENTENDEMOS QUE TRAZER DIFERENTES GÊNEROS, CORES, REGIONALIDADES E/OU ORIENTAÇÕES SEXUAIS DISTINTAS, NECESSITAM, SOBRETUDO, APRESENTAR VALORIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS, CULTURAS E RESPEITAR IDEIAS DE VIDAS E TRAJETÓRIAS MÚLTIPLAS.**



e demais elementos técnicos e profissionais necessários para a ocupação. É por meio dessas informações que encontramos as oportunidades que estejam de acordo com o perfil profissional e expertises tidas, de profissionais que estão registradas na plataforma.

Entendemos que trazer diferentes gêneros, cores, regionalidades e/ou orientações sexuais distintas, necessitam, sobretudo, apresentar valorização das histórias, culturas e respeitar ideias de vidas e trajetórias múltiplas. E é por essa razão que buscamos vislumbrar a pessoa completa, valorizando suas experiências nas empresas e projetos audiovisuais, com capacidade de olhar para o talento como um todo.

É assim que a inclusão de maneira orquestrada entre o mercado audiovisual e profissionais diversos acontece! Dessa maneira contribuimos para a conexão que não reitere espaços de vulnerabilidade apresentados entre diferentes grupos populacionais. Não vendemos as potencialidades de profissionais negres. Construímos parcerias para que valorizem as potencialidades dos profis-

sionais. Todas as vagas antes de serem aceitas e publicadas pela plataforma RAI0 Agency e nossas parcerias, tem a garantia de que a empresa está de acordo com nossa Política de Diversidade. Dessa maneira temos atenção para todo o processo no qual cada profissional negre estará envolvido.

**#04- A Raio foi a responsável pela coordenação técnica do FAPAN que foi uma grande ação de transferência de renda para profissionais pretos do mercado audiovisual no Brasil, realizada pela APAN. Qual é a análise da Raio sobre os impactos da pandemia para os profissionais pretos do audiovisual no Brasil?**

A grande maioria dos profissionais pretos, se encontram em funções que não funcionaram remotamente, então a pandemia de COVID-19, ocasionou a paralisação de muitos trabalhos e como este é um setor de prestação de serviços, a grande maioria dos profissionais pretos do setor, em todo o território nacional, ficaram sem renda.

Para nós da RAI0, foi uma honra realizar a coordenação técnica de transferência de recursos do Fundo de Amparo para Profissionais do Audiovisual Negro – FAPAN, e com isso, tivemos a oportunidade de nos conectar com profissionais das 5 regiões do Brasil.



O FAPAN, que nessa edição contou com apoio da Netflix, reforçou pra nós a realidade do cenário para profissionais negres no país, considerando as especificidades regionais.

**#05- Como funciona a contratação/parceria de empresas com a Raio?**

As empresas podem se cadastrar via plataforma RAIO Agency e/ou entrar em contato direto conosco pelo email:

**comercial@raio.agency.**

A partir desse primeiro contato realizamos um diagnóstico para entender a necessidade da empresa e apresentar métodos e ações estratégicas que contribuam para a transformação do cenário da empresa.

**#06- Quando uma dessas empresas procura a plataforma que tipo de profissionais estão buscando e qual o motivador mais comum?**

Normalmente as empresas buscam a RAIO quando identificam a necessidade de transformar a política de inclusão e diversidade. Normalmente, buscam profissionais negres com atuações diversas no setor, para participar de contratos com tempo determinado. Acreditamos que ainda temos muito trabalho a ser feito. A compreensão sobre as relações raciais e os impactos do racismo estrutural e da branquitude ainda são desafiadores. Não se trata apenas de contratar um profissional diverso para atuar na empresa, se trata da mudança e do rompimento de uma lógica vigente que

estrutura o imaginário sobre qual é o lugar de pessoas diversas (negras, indígenas, de múltiplas orientações sexuais e identidades de gênero, com deficiência ou não, e residentes da amplitude do Brasil), ocupam nesse ecossistema. Sendo assim, contribuimos para a reflexão e estruturação de ações que visem realizar transformações necessárias para olhar esses/essas profissionais com respeito e com uma sinergia de igualdade do ponto de vista técnico e humano.

**#07- Hoje em dia, faz sentido a afirmação de que não há profissionais negros para determinados cargos no audiovisual ou em algum momento isso fez algum sentido?**

Essa afirmação nos parece um desvio para construir políticas efetivas de recepção dos profissionais negres. Se buscarmos nas cinco regiões do Brasil encontraremos profissionais negres com atuação e aprofundamento nas diversas áreas do setor audiovisual. Consideramos relevante questionar a partir de quais parâmetros essa narrativa se perpetua. Por isso incentivamos a leitura do mercado, considerando minimamente estranha a baixa representação dos negres no setor, principalmente, em espaços de maior prestígio.

**#08- Quais as metas e planos da plataforma Raio para o futuro (crescimento, impacto no mercado, etc.)?**

A RAIO Agency pretende continuar aprofundando suas ações de combate ao racismo para assegurar que as diferentes existências

## PLATAFORMA RAI0

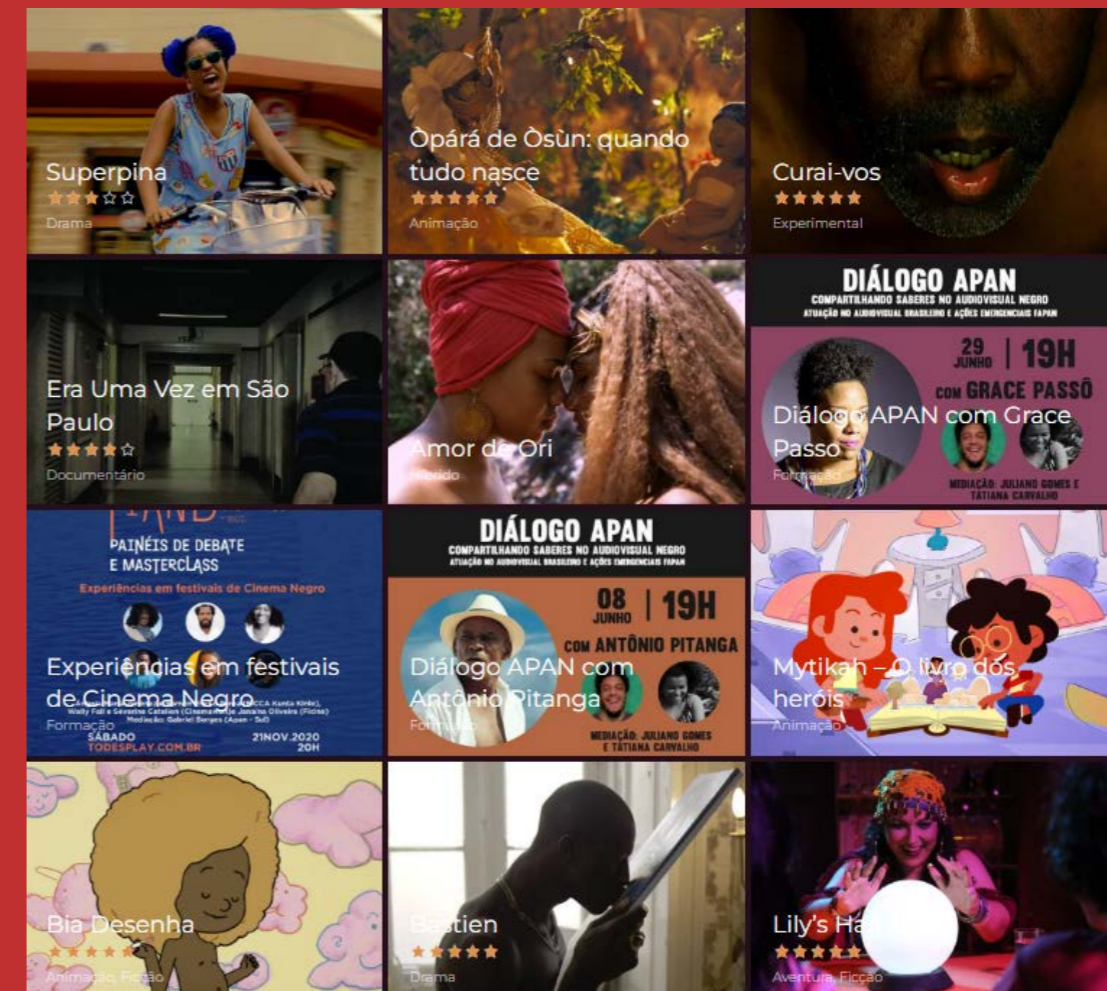
ocupem e estejam representadas no setor em todo o país. Mas sobretudo, consideramos importante que essa amplitude da população brasileira, esteja de acordo com a produção audiovisual, oportunizando novas narrativas, mudanças de olhares e ressignificação do imaginário social, atuando conjuntamente com as empresas vocacionadas para conteúdo audiovisual identitário, profissionais negras e suas diversidades, bem como produtoras e players atuando em conjunto para a necessária mudança.

**Neste sentido, a partir do ano que vem teremos novos programas para fortalecer a preparação dos profissionais negres para ocupar estes espaços, bem como, ampliar o programa de política étnico racial juntamente às empresas.**



# TODESPLAY

Tenha acesso a filmes e festivais do audiovisual negro na [todesplay.com.br](https://todesplay.com.br)



# TODESPLAY

## UMA REVOLUÇÃO NAS PLATAFORMAS DE STREAMING

por Rachel Aguiar e Rejane Neves

Fundada em 18 de outubro de 2020 e gerida por membros da APAN, a **TodesPlay** é uma plataforma global de filmes e séries que surge com a necessidade de ser um espaço diverso e identitário. Ademais, seus idealizadores visam gerar um fundo financeiro para sustentação de produções audiovisuais exclusivas. Apostando num local insurgente que preserve a memória, a cultura e a identidade do cinema negro.

A Todesplay despontou a partir do GT de distribuição da APAN com Rafael Ferreira, que elaborava catálogos de filmes para ficarem disponíveis no site da Apan e que produtores pudessem entrar em contato com a instituição para exibir os conteúdos em cineclubes ou em outros lugares. Hoje a Todesplay é um espaço democrático onde pessoas acessam conteúdos de cineastas negres, filmes lgbtqiap+, indígenas, de mulheres brancas, PCDs. E ainda, a plataforma consiste em uma parte gratuita que abarca mostras, festivais e entrevistas com cineastas negres e a outra parte disponível para com catálogos fixos de conteúdo audiovisual.

Em oposição às plataformas como do Youtube e Vimeo, que faturam milhões com conteúdo independentes que acabam se perdendo num universo de produções, a Todesplay oferece uma parceria financeira com os produtores que ganham uma porcentagem com a quantidade de

assinantes. Um dos maiores desafios da plataforma é atrair novos colaboradores para manutenção da plataforma e romper com o preconceito contra conteúdos independentes e diversos e, assim, aumentar o número de assinantes.

Constituído no total de 4 colaboradores e administrado por Thaís Scabio (gestora de desenvolvimento de negócios da Todesplay), Rafael Ferreira (gerente de licenciamento e suporte na Todesplay), Ana Caroline (Analista de conteúdo e Produtora) e Uilton Oliveira (distribuidor da Todesplay e cineasta). Atualmente, a plataforma tem alguns filmes com opções em libras, áudio descrição e/ou legenda e português. Assim como, a facilidade de uso de um aplicativo que pode ser baixado direto do site ou por meio da Play Store para sistema Android. Nossa plataforma também oferece filmes da Colômbia e Portugal.

Hoje, a Revista APAN entrevista **Thais Scabio**, paulista de 45 anos, idealizadora,



cineasta e artista, educadora e cineclubista. Iniciou no audiovisual em oficinas culturais em 1999. Em 2003 se formou em Comunicação Social/ Rádio e TV realizando seu primeiro curta como diretora “A melhor Face do Espelho”, onde ganhou menção honrosa de direção no Prêmio Plínio Marcos de Cultura e participou de diversos festivais. Em 2005 criou a Cavalo Marinho Audiovisual junto com seu parceiro Gilberto Caetano. Desde 2007 realiza formação audiovisual nas periferias de São Paulo. Atualmente também é vice-presidente da APAN, gestora de desenvolvimento de negócios da Todesplay e está em pré-produção de seu primeiro longa-metragem.



**Revista Apan: A partir de qual momento, os membros da APAN pensaram ou planejaram o streaming Todes.play? Conte-nos um pouco a história da criação?**

**Thaís Scabio:** Desde o início do GT de distribuição, tendo o Rafael Ferreira na frente, foi criado um catálogo com filmes de associadas. Este catálogo ficava disponível no site da Apan e as pessoas entravam em contato para exibições em cineclubes e em outros espaços. Em torno de 2019, surgiu a proposta de criar um streaming que pudesse organizar esse catálogo para as pessoas terem acesso às nossas produções e que também fosse uma forma de retorno financeiro para realizadorxs. Em 2020, com a pandemia, surgiu a necessidade de um local para a realização de mostras e festivais. O que trouxe uma potência à plataforma.

**Por que vocês sentiram necessidade de criar essa plataforma?**

Boa parte da produção negra está no YouTube. É uma plataforma muito aberta e não tem como objetivo só a exibição de filmes. Mas sim um local de entretenimentos e creators. Nossas produções se perdem no meio de tanto conteúdo e a plataforma ganha muito em cima disso e as pessoas têm pouco retorno financeiro. Precisávamos um local para organizar o catálogo formado na Apan, nossa memória, nossas produções em geral e ter um retorno financeiro.

**Quais foram as demandas iniciais para construir uma plataforma de distribuição e armazenamento de conteúdos?**

Toda a equipe é formada por cineastas e produtores. Fomos entendendo a distribuição. Também não conhecíamos a parte de tecnologia, licenciamento, armazenamento, segurança. O Rafael ainda entendia mais. Aprendemos sobre plugins, software livre, negociação. Tivemos uma consultoria externa durante três meses para conseguir fechar todo o formato que temos hoje.

**Quais foram os desafios que vocês tiveram na formação dessa plataforma?**

Aprender sobre tecnologia de armazenamentos de filmes. Sistema de segurança, estamos aprendendo até hoje. É algo bem complexo. É um plugin que leva outro plugin, kkkk. Difícil conversar com a pessoa de TI. É outra linguagem agora que estamos nos acostumando.

**Quais são os seus desafios na atualidade na Todesplay?**

Completamos em outubro 2 anos de existência. Aprendemos muitas coisas nesse período. Incluímos acessibilidade, a todes educa, com as lives realizadas na Todesplay durante os festivais e mostras. Criamos uma página somente para o público infantil, porque vimos que a procura era muito grande. Ainda temos o desafio de aumentar o número de assinantes. Temos atualmente quase 10 mil assinantes no Nhai. Ainda não conseguimos aumentar nossa equipe.

**Revista Apan: Como vocês se organizam para dar conta das demandas da plataforma? Vocês se dividem como grupo de trabalho? Ou como função específica? Ou equipe? Quantas pessoas trabalham na plataforma hoje? Vocês têm apoio de pessoas de fora da associação?**

Somos apenas quatro pessoas na curadoria e organização da Todes. Além da pessoa de TI, da equipe de comunicação, designer, advocacia. É importante dizer que, desde o início, nossa equipe principal é formada por pessoas de quatro regiões: sudeste, norte, nordeste e centro-oeste. Isso traz uma diversidade no olhar das discussões da curadoria e na produção.

**Vocês conseguem saber a quantidade de pessoas que acessam os filmes? E como essa “métrica” ajuda na melhoria da própria plataforma?**

Sim. Conseguimos quantificar e analisar o perfil das pessoas. Nosso maior público são mulheres jovens adultas da região sudeste e nordeste. Com isso, vimos que tínhamos mais filmes com direção masculina do que feminina. Em julho aumentamos o catálogo com direção de mulheres.

**Quais são os critérios para a curadoria dos filmes? Como vocês conseguem chegar ao produtor/diretor dos filmes?**

Como disse, temos uma curadoria diversa. Com equidade de gênero, diversidade na orientação sexual e região do Brasil. A primeira leva de filmes que entraram foi exatamente do catálogo que tínhamos do GT de distribuição da Apan. Depois disso, iniciamos com participação em algumas rodadas de negócio. Fazemos contatos com distribuidoras e Associadas. Também ficamos de olho nos festivais e mostras que ocorrem na Todesplay e fora. Cada pessoa da curadoria faz uma lista de filmes que acredita ser interessante para entrar na To-



**PRECISÁVAMOS UM LOCAL PARA ORGANIZAR O CATÁLOGO FORMADO NA APAN, NOSSA MEMÓRIA, NOSSAS PRODUÇÕES EM GERAL E TER UM RETORNO FINANCEIRO.**





display e traz para a curadoria. Concordamos que não podemos ter filmes que tragam discurso de ódio, homofóbico, machistas, nem racistas. Também levamos essa preocupação para os festivais e mostras que ocorrem na plataforma.

**Como os associados da APAN podem enviar seus filmes para a plataforma?**

Só enviar um e-mail para [producao@todesplay.com.br](mailto:producao@todesplay.com.br) que encaminharemos para a curadoria avaliar.

**Em relação à estética e temática, qual o diferencial da Todesplay com outras plataformas?**



Somos uma plataforma de conteúdo identitária. Também tem filmes lgbtqi+, indígenas, de mulheres brancas, PCDs, além das produções negras. A identidade da plataforma foi construída pelo Darwin Marin que se identifica com bicha preta cearense. A linguagem da Todesplay se inspira na linguagem pajubá [pajubá é um dialeto ou criptoletto da linguagem popular constituída da inser-

ção em língua portuguesa de numerosas palavras e expressões provenientes de línguas africanas ocidentais, Muito usado pelos praticantes de religiões de matriz africana e também pela comunidade LGBTQIAP+]. Na parte gratuita temos Nhai (“oi” em pajubá). Também trazemos algumas palavras nas prateleiras em yorubá. É uma plataforma também que pensa no acesso com uma parte gratuita e com uma seleção especial. Tem alguns filmes que já tem libras, mas atualmente estamos verificando a possibilidade de maior acessibilidade na plataforma já que é para todes.

**Quais são os projetos para o futuro da plataforma? Como vocês esperam alcançar cada vez mais públicos?**

Após incluimos a parte de acessibilidade, criação do aplicativo, as páginas especiais como a infantil e a todes educa, agora precisamos trazer filmes estrangeiros, Apesar de ainda faltar muito filme dentro do catálogo nacional.

**Quais suas projeções para o futuro?**

Penso que o futuro é de todes, kkkkk. Acredito que apesar de toda descontinuidade que tivemos nos avanços das políticas públicas de cultura e audiovisual em geral e também de ações afirmativas no federal, ainda sim estamos dentro das discussões. Acredito que o cinema negro teve um crescimento muito grande de qualidade técnica, porquê de histórias já temos faz tempo. Mas nos profissionalizamos mais e tenho certeza que vem muitas surpresas boas para o audiovisual negro brasileiro.

**Qual a importância da Todes.play para sua vida e o que você vem aprendendo/ou aprendeu a partir deste trabalho?**

Tive que aprender outro lado do audiovisual que não tinha ideia de como funcionava. Aprender sobre negociação, licenciamento, plataforma, sobre TI e software. Outro mundo. Gosto muito de assistir aos filmes que chegam e discutirmos com a equipe de curadoria sobre eles. Pensar na proposta da Todesplay, a importância que trás para a representatividade. Esses dias teve uma amiga que trouxe a experiência do filho dela. Menino negro que conheceu o filme “Guerreiros da Rua” , do diretor pernambucano Erickson Marinho. Ele se identificou tanto com o filme que fez um livro, ele tem 10 anos. Eu não tive essas referências quando criança. Fico muito feliz de poder ser uma das pessoas que consegue organizar, um local como uma cinemateca virtual para guardar nossas histórias negres do audiovisual, nossa identidade. Ser um local onde as pessoas LGBTQI possam se encontrar e encontrar histórias comuns. Aprendi muito com a equipe da Todesplay e com a APAN também de ver um Brasil muito maior do que eu conhecia.

## EQUIPE TODESPLAY



**THAÍS SCABIO**



**ANA CAROLINA ANDRADE**



**RAFAEL FERREIRA**



**UILTON OLIVEIRA**





# **CARTA DO AUDIOVISUAL NEGRO ÀS CANDIDATURAS ANTIRRACISTAS**

**Brasília, 23 de agosto de 2022**

A seguir, você encontrará a **Carta do Audiovisual Negro para Candidaturas Antirracistas** desenvolvida pela Apan.

A leitura oficial aconteceu no dia 23 de agosto, em Brasília, direcionada à classe política em processo de candidatura para as eleições de 2022, nos âmbitos distrital, estadual e federal, e que se disponham à uma atuação antirracista no campo da Cultura e **marca um momento do audiovisual negro em que não cabe retrocesso.**

Com isso, esperamos a diminuição das iniquidades em setores da gestão pública; a ampliação ações de Acesso a bens culturais e a difusão das obras; trabalho e empreendedorismo; intensificação ações de regulamentação do setor; regionalização e ações territoriais contra-hegemônicas; e ampliação ações de cultura e educação. **Tudo isso para obter reconhecimento, espaço e participação da população negra no setor audiovisual, por parte do poder público.**

Boa leitura!

**BAIXAR CARTA**

# CHAMADA PARA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES

A idealização da Revista APAN surge dentro do GT de Formação e iniciou-se a partir da necessidade de dar visibilidade as narrativas propostas por nós, negras, negros e negres atuantes no setor audiovisual, dando espaço também à criação acadêmica, ampliando as possibilidades de publicação a todes.

A proposta da Revista foi levada às Assembleias através de membros do GT de Formação, e a partir de então iniciamos a construção de um diálogo entre as pessoas interessadas em sua idealização. Assim foi criado o Conselho Editorial da Revista APAN, um grupo que tem como objetivo abrir espaço para que

**PUBLIQUE SEUS ESCRITOS – TEXTOS, ENSAIOS, ARTIGOS, RELATOS E ILUSTRAÇÕES NA REVISTA APAN.**

**[CLIQUE AQUI PARA ACESSAR O FORMULÁRIO DE ENVIO](#)**

nós possamos compartilhar experiências e reflexões através do trabalho da curadoria e convite aos profissionais do audiovisual e pesquisadores que abordam o tema.

Com a intenção de ampliarmos e fortalecermos essa rede, convidamos as pessoas interessadas a colaborar em nossas próximas edições com produções textuais inéditas para inclusão nas seções: escrita livre, ensaios, resenhas, artigos acadêmicos, ilustrações, relatos e entrevistas. A chamada será semestral e está aberta a associades e também ao público negro e indígena, pessoas das mais diversas áreas de atuação e que tenham a intenção de publicar seus escritos na Revista.

Para maiores informações:  
**[contato.revistaapan@gmail.com](mailto:contato.revistaapan@gmail.com)**

Essa edição foi feita por nós, membros do Conselho Editorial, e esperamos agora a sua participação através do envio de textos a serem selecionados para compor a edição nº 2 da Revista APAN, a ser lançada no segundo semestre de 2023.

***Conselho Editorial da Revista APAN***



**apan**